



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Educação e Humanidades

Instituto de Letras

Luciane dos Santos Silva

A memória como estratégia para criação de novas subjetividades, nas narrativas: Quarto de despejo: diário de uma favelada de Carolina Maria de Jesus e A louca de Serrano de Bernardina Salústio

Rio de Janeiro

2016

Luciane dos Santos Silva

**A memória como estratégia para a criação de novas subjetividades, nas narrativas:
Quarto de despejo: diário de uma favelada de Carolina Maria de Jesus e A louca de
Serrano de Bernardina Salústio**



Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Literatura Portuguesa

Orientadora: Prof^ª. Dra. Maria Helena Sansão.

Rio de Janeiro

2016

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/BIBLIOTECA CEH/B

S586 Silva, Luciane dos Santos.
A memória como estratégia para criação de novas subjetividades, nas narrativas: Quarto de despejo: diário de uma favelada de Carolina Maria de Jesus e A louca de Serrano de Bernardina Salústio / Luciane dos Santos Silva. – 2016.
77 f.

Orientadora: Maria Helena Sansão.
Dissertação (mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Letras.

1. Memória na literatura – Teses. 2. Escritoras negras – Teses. 3. Subjetividade na literatura – Teses. 4. Estratégia (Filosofia) – Teses. 5. Literatura brasileira – História e crítica - Teses. 6. Literatura cabo-verdiana – História e crítica – Teses. 7. Jesus, Carolina Maria de, 1914-1977. Quarto de despejo: diário de uma favelada – Teses. 8. Salústio, Dina. A louca de Serrano – Teses. I. Sansão, Maria Helena. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Letras. III. Título.

CDU 82.09

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Luciane dos Santos Silva

**A memória como estratégia para criação de novas subjetividades, nas narrativas:
Quarto de despejo: diário de uma favelada de Carolina Maria de Jesus e A louca de
Serrano de Bernardina Salústio**

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Literatura Portuguesa.

Aprovada em 31 de março de 2016.

Banca Examinadora:

Prof^a. Dra. Maria Helena Sansão (Orientadora)
Instituto de Letras – UERJ

Prof^a. Dra. Claudia Maria de Souza Amorim
Instituto de Letras – UERJ

Prof^a. Dra. Tatiana Pequeno
Universidade Federal Fluminense

Rio de Janeiro

2016

DEDICATÓRIA

Aos meus filhos, Glauber e Ana Luíza, sempre ao meu lado
com paciência, carinho e amor. Sem o apoio e a força
deles nessa trajetória teria sido impossível.

AGRADECIMENTOS

Ao Pai maior, pela força e fé diante de todas as dificuldades ao longo do curso.

À minha mãe Iansã, pela coragem e persistência em não esmorecer nos momentos difíceis.

A minha família, pais e irmãos pela educação que recebi e por sempre acreditarem em mim.

À minha orientadora, Maria Helena Sansão, pelas orientações firmes e seguras, pela paciência e desafios propostos.

Às professoras Cláudia Amorim e Tatiana Pequeno, por não apenas comporem essa banca, mas também pelo incentivo.

Meu nome é memória e com as velhas
Treinei cada fala. – a do caçador nas suas
Caçadas. – a dos homens no seu trabalho.
- o canto das mulheres nas suas lavras.
-a das raparigas no seu andar.
- o canto da rainha na sua realeza.
- o som das nuvens na sua chuva.

Paula Tavares

RESUMO

SILVA, Luciane dos Santos. *A memória como estratégia para criação de novas subjetividades, nas narrativas: Quarto de despejo: diário de uma favelada de Carolina Maria de Jesus e A louca de Serrano de Bernardina Salústio*. 2016. 77 f. Dissertação (Mestrado em Literatura Portuguesa) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

Ao longo da tradição literária brasileira e cabo-verdiana, a história da personagem negra/mestiça e da escrita de autoria feminina foi estereotipada, silenciada e obliterada. Duas escritoras foram precursoras na inauguração da escrita de autoria feminina negra/mestiça e na apresentação de gêneros textuais novos em seus respectivos países: Carolina Maria de Jesus com seu diário e Bernardina Salústio com uma narrativa longa, um romance. *Quarto de Despejo: Diário de uma favelada* de Carolina Maria de Jesus e *A Louca de Serrano* de Bernardina Salústio são narrativas tecidas pelo viés memorialístico. O fio condutor das tessituras é centrado em personagens femininas, delineadas como sujeitos que se constroem ao longo de suas trajetórias de vida, imbricadas nas trajetórias dos seus países – Brasil e Cabo Verde. São sujeitos deslocados e descentrados em busca de uma identidade, mulheres frágeis e fortes que através das vicissitudes e dos embates cotidianos, utilizam a memória como estratégia para construção de novas formas de vivências e resistências para continuarem suas caminhadas, seus percursos pela vida.

Palavras-chave: Memória. Estratégia. Subjetividade. Escrita negra de autoria feminina. Brasil. Cabo Verde.

ABSTRACT

SILVA, Luciane dos Santos. The memory as a strategy for creation of new subjectivities in the narratives: Storage room : diary of a shantytown of Carolina Maria de Jesus and the Mad Serrano Bernardina Salústio. 2016. 77 f. Dissertação (Mestrado em Literatura Portuguesa) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

Throughout Brazilian literary tradition and Cape Verde, the story of the black character / mestizo and female authors writing was formulaic, silenced and obliterated. Two writers were forerunners in the inauguration of writing black female authors / mestizo and presentation of new genres in their respective countries: Carolina Maria de Jesus with his diary and Bernardina Salústio with a long narrative, a novel. Room Eviction: Diary of a shantytown of Carolina Maria de Jesus and The Madwoman of Serrano Bernardina Salústio are narratives woven by memorialistic bias. The theme of the tessitura is centered on female characters, outlined as subjects that are constructed throughout their life trajectories, imbricated in the trajectories of their countries - Brazil and Cape Verde. Are subject off-center and moved in search of an identity, fragile and strong women through the vicissitudes and daily clashes, use memory as a strategy to build new forms of experiences and strengths to continue their walks, their paths through life.

Keywords: Memory. Strategy. Subjectivity. Black writing female authors. Brazil. Cape Verde.

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	9
1	ESCRITORAS NEGRAS NA LITERATURA BRASILEIRA: VOZES SILENCIADAS	11
1.1	Carolina Maria de Jesus: Heroína às avessas	15
1.2	Carolina, um corpo dócil?	18
1.3	Quarto de Despejo ou Quarto de visita?	21
2	ESCRITORAS CRIOULAS NA LITERATURA CABO- VERDIANA: VOZES SILENCIADAS	28
2.1	Bernadina Salústio: Ao sabor do voo	32
2.2	Dina Salústio: A escrita do cotidiano	36
2.3	A Louca de Serrano	40
3	A MEMÓRIA, A ESTRATÉGIA E A SUBJETIVIDADE	48
3.1	A escrita de autoria feminina como estratégia de resistência	49
3.2	Criando novas subjetividades	55
3.3	O que é a memória?	62
	CONCLUSÃO	67
	REFERÊNCIAS	72

INTRODUÇÃO

Eu gosto da noite só para contemplar as estrelas cintilantes,
ler e escrever. Durante a noite há mais silêncio.

Carolina Maria de Jesus

Esta é, sem dúvida, a lembrança de um tempo
sem nome e sem história [...] e asfixiam
de tanto encanto, ou geralmente,
de tanta impiedade.

Dina Salústio

Quando optei por licenciatura em Letras (português/literaturas), o objetivo era descobrir escritores negros, para além da tríade: – Cruz e Souza, Machado de Assis e Lima Barreto que reverencio imensamente, e especialmente, escritoras negras, para apresentá-los aos jovens e especificamente aos jovens negros, com o intuito de valorização da autoestima do negro e de ampliar suas perspectivas no âmbito profissional.

Ao término da graduação, me foram apresentadas, como opções de monografia a obra da escritora Carolina Maria de Jesus, *Quarto de Despejo: diário de uma favelada* e a da escritora Bernadina Salústio, *A Louca de Serrano*.

Ambas as escritoras me seduziram por apresentarem traços de ruptura nos cânones de: gênero, literário e étnico em seus respectivos países, Brasil e Cabo-Verde. Pelas possibilidades que os textos caroliniano e salustiano puderam engendrar nas realidades histórico-social e política nos dois países. Como as personagens se abrigam em suas memórias e as utilizam como estratégia para criação de novas vivências, novas subjetividades. E, finalmente, pela palavra combativa, através do discurso das suas personagens, rasurando a historicidade da escrita, sobre a personagem feminina e a escrita de autoria feminina.

Carolina, segundo Levi e Meihy, escreve num momento em que:

Particularmente no caso das mulheres, estava definido um papel de subserviência em que restava à condição feminina pobre, no máximo o direito de trabalhar servindo aos brancos como cozinheiras, babás, faxineiras. (LEVINE, MEIHY, 1994, p.32).

Dina, segundo Almada:

Com o romance *A Louca de Serrano*, primeiro de autoria feminina em Cabo Verde, a ficcionista conquista a promoção de importantes rupturas na atual ficção isleña, marcando assim, de forma assaz singular, a literatura cabo-verdiana contemporânea. (ALMADA, In: *Jornal A Semana*, 2007)

Através dessa perspectiva estudaremos a trajetória da representação da mulher negra e crioula como personagem e como escritora nas literaturas brasileira e cabo-verdiana. Identificaremos em *Quarto de Despejo: Diário de uma favelada* e *A Louca de Serrano* traços que revelem rupturas de cânones – gênero, literário e étnico. Observaremos nos textos caroliniano e salustiano como a literatura pode engendrar modificações na realidade histórico-social e política nos seus respectivos países. E analisar como as personagens se abrigam em suas memórias e a utilizam como recurso para criação de novas subjetividades.

A parte crítica da dissertação será embasada primeiramente pelos estudiosos que analisam a trajetória da personagem negra/mestiça e especificamente da escrita de autoria feminina negra/mestiça no Brasil e em Cabo Verde: Domício Proença Filho, Maria Lúcia Mott, Simone Caputo Gomes e Manuel Ferreira.

Depois pelos estudiosos que trabalham com as obras das autoras e a contextualização histórico-social de Brasil e Cabo Verde. Para Carolina: José Carlos Sebe Bom Meihy e Robert M. Levine e para Dina: Simone Caputo Gomes e Carmen Lucia Tindó Secco.

Para analisar nas narrativas a memória como estratégia para criação de novas subjetividades, recorreremos a Michel Foucault para compreender o conceito de estratégia; Felix Guattari e Stuart Hall para os conceitos de sujeito e subjetividade e Jan Assmann para o que concerne a memória, trabalhamos com o conceito de memória cultural.

1 ESCRITORAS NEGRAS NA LITERATURA BRASILEIRA: VOZES SILENCIADAS

Não tenho força física, mas as minhas palavras
ferem mais do que espada.

Carolina Maria de Jesus

A presença do negro na literatura brasileira foi tão marginalizada e silenciada quanto o foi no processo de formação da sociedade. O projeto de nação não contemplou em nenhum aspecto a população negra brasileira, portanto não é ilegítimo ponderar que esse projeto foi pensado e realizado pela e para a população branca dominante e dirigente, cujo único objetivo era expurgar da dinâmica social, política e econômica a causa do atraso. Nesse sentido, expurgar a “cor negra” da conjuntura brasileira. (BASTOS; MERISSI; ALENCAR, 2010, p.4)

Ao longo do processo literário brasileiro, o personagem negro foi caracterizado por diversos estereótipos reduplicadores. Sob uma visão preconceituosa, algumas vezes explícitas outras veladas.

Nesse contexto, a representação da mulher negra na literatura brasileira, desde as obras de Gregório de Matos, século XVII e autores subsequentes, foi atrelada a estereótipos negativos, no que concerne a sua etnia e a equidade ao poder masculino. De acordo com Campos:

Em contrapartida, estereótipos literários como os da donzela casadoura branca, da mulata sensual e ferosa, da negra abnegada, submissa, máquina de trabalhar, corresponderam respectivamente à procriação, à questão patrimonial, familiar e sucessória e à exploração da mão de obra numa sociedade patriarcal, sexista e racista e na qual a literatura frequentemente reforçou os lugares sociais assinalados ao gênero feminino e às chamadas raças. (CAMPOS, 2007, p. 2).

E aliado a essa discriminação sobre o personagem feminino, ainda se constata na tradição literária brasileira a ausência significativa de escritoras negras, ressaltando-se o silenciamento de suas obras tendo como consequência a invisibilidade de sua escritura.

Segundo (PROENÇA, 2007, p. 159-177) podem-se perceber na trajetória do discurso literário nacional, dois posicionamentos: a condição negra como objeto, numa visão distanciada, e o negro como sujeito, numa atitude compromissada. Tem-se, desse modo, literatura sobre o negro de um lado e literatura do negro de outro.

Conforme (MOOT, 1989, p. 1-16), Maria Firmina dos Reis, nascida em São Luís em 1825 é considerada pelos estudiosos a primeira mulher negra escritora no Brasil. Dedicou-se ao magistério aos 22 anos, foi a primeira professora primária concursada no Maranhão, uma das poucas atividades trabalhistas “designadas” às mulheres de sua época. Paralelamente às atividades como professora, Maria Firmina teve participação constante na imprensa local, publicando diversas poesias, crônicas e contos.

Em 1859, publicou o romance *Úrsula*, considerado o primeiro romance brasileiro de autoria feminina e primeiro romance abolicionista brasileiro. Sob a perspectiva interna e comprometida politicamente em recuperar e narrar à condição do ser negro no Brasil. Conforme Charles Martin:

Úrsula não se limita a repintar os negros de alma branca — como fazem muitos livros de sua época. Mostra como os escravos buscavam a estima de seus donos e tinham seus próprios padrões de comparação, os quais derivavam do passado africano.

(...)

Raramente os livros do século XIX trataram da mulher senão como procriadoras ou amantes. É bastante surpreendente que Maria Firmina descreva a relação entre marido e mulher como “despótica” e “tirânica”. (MARTIN, 1988, prefácio).

Maria Firmina, de acordo com Luiza Lobo, escreveu também o primeiro diário de mulher de que se tem notícia (embora publicado apenas em 1975, pelo historiador José Nascimento Moraes Filho, integrando o importante *Maria Firmina, fragmentos de uma vida*). Neste livro, Moraes Filho inclui suas composições enquanto folclorista, autora de charadas e compositora. (LOBO, artigo online).

Em 1880, a escritora funda a primeira escola mista e gratuita do Estado. No entanto, por misturar meninos e meninas foi considerada um escândalo, fechada dois anos e meio depois. Adotou cerca de dez crianças, morreu pobre, cega e esquecida, aos 92 anos, na cidade de Guimarães, longe da capital.

Teve o privilégio em vida de presenciar a abolição da escravatura e a proclamação da República, porém, não pode presenciar o devido reconhecimento da sua obra, revelada ao público apenas na década de 70.

Outra escritora silenciada e esquecida foi Auta de Souza, nascida em 12 de setembro 1876, no Rio Grande do Norte, na pequena cidade de Macaíba.

Criada no seio de uma cultura patriarcal e católica bastante arraigada às tradições e sendo a única mulher no meio de quatro irmãos homens, para se firmar enquanto escritora, Auta teve de superar barreiras de gênero e raça em uma época preconceituosa e sexista, sobretudo para com as mulheres que se dedicavam à escrita (FARIAS, 2013, p.1).

Estudou em um colégio religioso do Recife destinado ao ensino de meninas, o que caracteriza que sua formação legitimava a sociedade patriarcal em que os valores eram imbuídos na preparação das meninas para serem freiras ou esposas.

Em sua grande maioria, as mulheres oitocentistas brasileiras eram analfabetas, inclusive as abastadas, sendo tão somente relegadas ao espaço doméstico e resguardadas pelos pais, irmãos, maridos ou senhores. (TELLES, 2004, p.401-442).

Em colégio católico, Auta rapidamente aprendeu francês, literatura, inglês, música e desenho. Em razão do diagnóstico de tuberculose, aos 14 anos, ela teve que deixar o colégio, mas continuou sua formação intelectual sozinha, tornando-se autodidata. Ainda sim, começou a escrever e a declamar, hábito muito comum nas reuniões sociais da época.

Aos 17 anos iniciou sua produção poética e com 18 estreou na imprensa publicando poesias em uma revista denominada *Oásis*, de circulação restrita, pois era veículo do grêmio literário *Le Monde Marche*.

No século XVIII, surgem os primeiros grêmios literários na Bahia e no Rio de Janeiro. Segundo Gonçalves, no Rio Grande do Norte:

[...] funcionando como espaços que aglutinavam os intelectuais potiguares reunidos com a finalidade de produzir literatura. (GONÇALVES, 2014, p.61).

Os Grêmios ou associações literárias foram excelentes divulgadores de novos escritores e difusores da Literatura Brasileira.

Dois anos depois, Auta passaria a colaborar no jornal *A República*, periódico com maior visibilidade que o primeiro, não só porque era o mais lido, mas por estabelecer diálogo com a imprensa de outras regiões. Assim, mesmo vivendo fora do circuito de maior efervescência intelectual, Auta passaria a ser conhecida e ter seus poemas divulgados no jornal *O País*, do Rio de Janeiro.

A partir de 1897, Auta passaria a publicar seus versos assiduamente em *A Tribuna*, de Natal, um jornal de prestígio, com participação de vários escritores famosos do Nordeste.

Entre 1899 e 1900, Auta passou a usar os pseudônimos de Ida Salúcio e Hilário das Neves para assinar seus poemas. Vários deles foram musicados por compositores regionais e transmitidos oralmente, desde o final do século XIX.

Além de ser mulher, o fato de Auta querer se integrar aos círculos intelectuais também era algo complicado naqueles idos, as mulheres que circulavam pelo espaço público eram mal vistas e criticadas. Somado a isso, ter a pele escura e descender de africanos era outra subalternidade a ser derrubada por ela. [...] era grande a carga de preconceitos sofridos pelas escritoras negras oitocentistas, sobretudo para aquelas que faziam questão de se dizerem abertamente que eram negras para termos uma idéia do quanto a militância e o afimar-se era complicado. (FARIAS, 2013, p.13).

Seu grande e único livro publicado foi *Horto*, em 1900, que mereceu prefácio do mais consagrado poeta brasileiro da época, Olavo Bilac. Em seu texto, Bilac escreve: [...]. Não há nas estrofes do *Horto* o labor pertinaz de uma artista, transformando as suas idéias, as suas torturas, as suas esperanças, os desenganos em pequeninas jóias, [...]. (BILAC, *apud*. SOUZA, 2009, p. 29).

O texto de Bilac tanto exalta quanto expõe com reservas a obra de Auta.

Em 1910, *O Horto* ganha uma segunda edição, em Paris; em 1936, uma terceira, no Rio de Janeiro; uma quarta edição em 1970, pela Fundação José Augusto, de Natal (RN); e, por fim, uma quinta edição de 2000, em comemoração aos cem anos da obra, agora pela Editora Auta de Souza (Cf. GOMES, fonte eletrônica: 11). Além disso, em 1961, Luís da Câmara Cascudo publica a biografia da autora no *Vida breve de Auta de Souza (1876 – 1901)*, o que passa a conferir-lhe uma maior visibilidade.

Apesar disso Auta não pode ver sua escrita reconhecida, faleceu pouco depois da publicação de seu livro, acometida pela tuberculose, em 7 de fevereiro de 1901, com 24 anos.

Podemos ainda citar Ruth Guimarães, Antonieta de Barros, entre outras... A literatura do negro começa a ter representatividade a partir da década de 70, momento de efervescência

dos movimentos de autoafirmação da etnia, quando o negro ultrapassa os estereótipos e promove sua assunção como sujeito do seu discurso e sua ação em defesa da identidade cultural.

No entanto, em 1960, Carolina Maria de Jesus, negra, pobre, semianalfabeta e catadora de papel tem seu diário íntimo publicado “Quarto de Despejo: Diário de uma favelada”, obra também silenciada e colocada à margem na literatura brasileira.

1.1 Carolina Maria de Jesus: Heroína às avessas

Eu-mulher em rios vermelhos
Inauguro a vida.
Em baixa voz
Violento os tímpanos do mundo.
Antevejo.
Antecipo.
Antes - vivo
- que há de vir.
Conceição Evaristo

Carolina Maria de Jesus inaugura sua trajetória em 14 de março de 1914, nascida de uma relação extraconjugal, em Sacramento, um vilarejo rural no estado de Minas Gerais. Descendente de escravos, há duas explicações possíveis para sua origem naquela região interiorana: uma, que seria membro de família levada para a área depois do declínio da cultura do açúcar do Nordeste; outra, que seus avós teriam ido para Minas para o plantio do café, que também floresceu na época.

Segundo Levine e Meihy:

[...] a vida em Sacramento raiava os limites do primitivo. A população, de um modo geral, tinha que produzir quase tudo o que consumia, valendo-se dos produtos locais para trocar por tecidos, querosene, sal e até mesmo sabão. A maioria era de descendentes de escravos que, como Carolina e sua mãe, encontravam-se sem perspectiva. (LEVINE; MEIHY, 1994, p.20).

Para não ficar sozinha em casa, Carolina começa a frequentar a escola aos 7 anos, pois sua mãe trabalhava o dia todo. Estudou no primeiro colégio espírita do Brasil, Colégio Espírita Allan Kardec. Logo de início, ela não se mostrou muito interessada, sua mãe chegava a surrá-la, praticamente todos os dias, para que fosse a escola.

Mas, estudar foi pior que ficar em casa sozinha, a vaga no colégio havia sido motivada pela caridade de uma senhora, branca, espírita, que mantinha a instituição. O povo da cidade não aceitava uma menina que estudasse, ainda sendo negra e bastarda, inclusive fora impedida de ir à igreja. Mais tarde a escritora declarou que sua grande inspiração não havia sido a escola, e sim seu avô, a quem chamava de “Sócrates Africano”. (Benedito José da Silva 1855/1927, ex. escravo e analfabeto. Recebeu dos vizinhos o apelido de “Sócrates Africano”, por ser um homem sábio, inteligente e aconselhar a família e os vizinhos).

Carolina cursou até o segundo ano primário, em 1923 sua família se muda para Lajeado, em Minas Gerais e trabalham como lavradores. Seu primeiro dia na roça, junto com a mãe, como ela mesma narrou em seu quinto livro, *Diário de Bitita*, “Chorei o tempo todo”.

Mudaram-se inúmeras outras vezes para cidades do interior de Minas e de São Paulo, mas sempre retornavam à cidade de Sacramento. Carolina percorreu cidades como Franca, Conquista, Uberaba, Ribeirão Preto, entre outras. Nesse movimento de ida e vinda entre uma cidade e outra a busca era por emprego, saúde, melhores condições de vida.

Em 1933, Carolina então com 19 anos, era uma leitora ávida. Segundo ela: “Percebi que os que sabem ler têm mais possibilidades de compreensão. Se desajustarem-se na vida poderão reajustar-se” (JESUS, 1986, p.177). Por suas mãos já haviam passado, *A Escrava Isaura*, as biografias de Luis Gama, Tiradentes e Henrique Dias, *Os Lusíadas*. Sobre esse último confessa “eu passava o dia lendo *Os Lusíadas* de Camões, com o auxílio do dicionário. Eu ia intelectualizando-me, compreendendo que uma pessoa ilustrada sabe suportar os arrumes da vida” (JESUS, 1986, p.178).

Por causa desse dicionário Carolina e sua mãe foram presas, alguns jovens a viram com um livro na mão e devido ao tamanho e ao volume acreditaram ser o livro de São Cipriano (JESUS, 1986, p. 179). Este nasceu na região entre a Síria e a Arábia, em 250 d.c., foi introduzido no estudo das ciências ocultas: alquimia, astrologia e adivinhação. Tornou-se conhecido e temido nas regiões pelas quais andou. Passou a ser designado como feiticeiro. E assim também Carolina foi designada, feiticeira, por isso a prisão.

Depois desse episódio a mãe de Carolina não queria que ela continuasse morando em Sacramento. Com a sua morte em 1937, Carolina se muda definitivamente para São Paulo e em 1948 para a favela do Canindé.¹

Grávida do seu primeiro filho, fruto de uma rápida relação com um marinheiro português que a abandonou, logo foi dispensada do trabalho, a favela foi a única alternativa de moradia. Em seguida, com as próprias mãos construiu seu barracão usando restos de tábuas da construção da igreja, pedaços de lona reaproveitada, tudo sem o auxílio de ninguém. E não conseguindo retornar a uma ocupação profissional formal, começou a trabalhar na garimpagem do lixo; catava papéis e os vendia para sustentar a sua família. Carolina agora era mãe de dois meninos e uma menina. Toledo afirma:

A vida na favela era solitária e sofrida Carolina viveu para o seu trabalho de catadora, e para um “curioso hábito”: o de *escrever*. A lixeira, além da estima pela leitura, fantasiou o dia em que escreveria um livro. Então, colocou em prática o seu sonho quando iniciou um caderno onde relatava o seu dia-a-dia, dentro e fora da favela, em cadernetas velhas e usadas encontradas no lixo. As palavras escritas com cotos de lápis driblaram o cansaço, a fome, a solidão com a retrospectiva dos fatos mais importantes daquela jornada. Durante alguns anos narrou a sua saga diária, a vida na favela e luta pela sobrevivência. (TOLEDO, 2011, p. 18).

Em 1958, Carolina já contava 20 cadernos escritos com relatos do seu cotidiano. Também nesse ano, durante a inauguração de um *playground* perto dos barracos na favela, um grupo de rapazes ocupou os brinquedos destinados às crianças, enquanto essas choravam querendo brincar. Carolina assistiu à cena indignada com o comportamento dos homens, e ameaçou: “*Deixa estar que eu vou botar vocês no meu livro!*” (JESUS, 1960. Prefácio).

Um jovem repórter, Audálio Dantas, em início de carreira, encarregado de escrever uma matéria sobre uma favela que se expandia na beira do rio Tietê, no bairro do Canindé, ouviu a ameaça da favelada, e quis saber que livro era aquele. Carolina mostrou a ele os 20 cadernos que guardava em seu barraco, e as anotações interessaram tanto ao jornalista, que em breve saíram matérias com trechos dos seu diário no *Jornal da Noite* e na *Revista O Cruzeiro*. Chegando ao livro, *Quarto de Despejo: Diário de uma favelada*, em 1960.

Para Carolina, escrever é transcender, transpor os liames físicos do espaço, da mente conturbada pelas agruras do dia a dia, mesmo relatando fatos tristes, violência, descaso, miséria e fome. A escrita a alçava a um mundo outro, onde viver era mais confortável, belo e iluminado.

¹ Uma das primeiras favelas da capital paulista, situada às margens do rio Tietê, formada por volta dos anos de 1940.

Deixei o leito para escrever. Enquanto escrevo vou pensando que resido num castelo cor de ouro que reluz na luz do sol. Que as janelas são de prata e as luzes brilhantes. Que a minha vista circula no jardim, e eu contemplo as flores de todas as qualidades (...) É preciso criar este ambiente de fantasia, para esquecer que estou na favela. (JESUS, 1993, p.52).

Para Levine e Meihy a experiência encerrada na vida de Carolina Maria de Jesus é notável. Não somente para ela própria e seus familiares mas também, e particularmente, para o entendimento de boa parte do contexto nacional. Uma mulher negra, bastarda, semialfabetizada, mãe solteira, nascida no interior, catadora de papel, escritora de diários (gênero considerado menor na década de 60); Carolina Maria de Jesus, uma heroína às avessas.

1.2 Carolina, um corpo dócil?

Uma batida surda
 dói ouvir
 Viver viver
 presa na gaiola
 pássara
 Já vi o infinito
 fui constelação
 Agora asteroide vagando
 estrela cadente
 dividi-me em duas
 Dividida para não ser subtraída
 fiquei inteira amolgada em cada pedaço
 chorei porque eu nascia
Miriam Alves

Pode parecer que Carolina foi subtraída pela vida, que a vida lhe tirou muito, mas não. Dividiu-se em muitas. A cada desafio proposto pela vida, uma outra Carolina nascia, mais forte e mais determinada.

“Comecei desmaiar. Então eu resolvi trabalhar porque eu não quero desistir da vida.” (JESUS, 1993, p.55).

Apesar de vivenciar muitas dificuldades, Carolina não sucumbiu, encontrou muitos mecanismos de resistência e o maior deles foi a escrita cotidiana no seu diário. Escrever para ela era como dormir, alimentar-se, trabalhar; o diário fazia parte do seu corpo. Como afirma Lejeune:

“[...] o diário é uma espécie de corpo simbólico que, ao contrário do corpo real, sobreviverá” (LEJEUNE, 2014, p. 306).

Podemos inferir que Carolina quisesse que o seu corpo, suas memórias transmutadas em diário sobrevivessem. Fazia questão de registrar o seu dia a dia com muitos detalhes, a partir dos fatos, das emoções sentidas e muitas vezes juízo de valor sobre o ocorrido e outros vários assuntos como a atuação dos governantes, por exemplo. “O Brasil precisa ser dirigido por uma pessoa que já passou fome. A fome também é professora. Quem passa fome aprende a pensar no próximo e nas crianças”. (JESUS, 1993, p. 26)

E ainda:

[...] Ela rejubilou-se e começou a dizer que o Dr. Adhemar de Barros (político paulista, foi por duas vezes governador de São Paulo) é um ladrão. Que só as pessoas que não prestam é que apreciam e acatam o Dr. Adhemar. Eu e uma espanhola muito boa, o defendíamos. (JESUS, 1993, p. 15).

Um dos seus primeiros biógrafos, Levine, no livro *Cinderela Negra* (1994, p. 202) sobre a experiência de lecionar nos Estados Unidos, uma disciplina sobre a América Latina e trabalhar com o texto de Carolina afirma:

O espírito idealista dos anos 60 continuava, e para nós, professores iniciantes, responsáveis por falar sobre a América latina, o desafio era enorme. [...] Nesse sentido, o texto de Carolina interessava e muito. Ano após ano, seguidamente, o livro era solicitado e exercia o mesmo estranho fascínio sobre levas de estudantes. Com ele em punho eu questionava a classe: por que essa mulher era tão dócil? E a decisão deste “teorema” consumia o resto do tempo de aula.

Michel Foucault (2004, p.117) postula que no século XVIII reina a noção de “docilidade” que une ao corpo analisável o corpo manipulável. Segundo ele é dócil um corpo que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado.

A partir do questionamento do professor Levine e da afirmação de Lejeune sobre o corpo, Foucault nos remete imediatamente a escrita diária de Carolina, para além de uma resistência, o seu diário é uma forma de insubmissão a ordem dada, ao sistema.

É uma estratégia de burlar a ausência de alimento para o corpo, de um espaço físico confortável, da incerteza dos dias que viriam. Carolina, sua escrita, seu diário são presentificações nessas ausências impostas pela vida.

Foucault segue afirmando que não é a primeira vez, certamente, que o corpo é objeto de investimento tão imperiosos e urgentes; em qualquer sociedade, o corpo está preso no interior de poderes muito apertados, que lhe impõem limitações, proibições ou obrigações.(FOUCAULT, 2004, p. 118).

E ainda segundo ele, essas técnicas coercitivas não tratam de cuidar somente do corpo, em massa, grosso modo, como se fosse uma unidade indissociável mas de trabalhá-lo detalhadamente. Exercendo sobre ele uma coerção sem folga, de mantê-lo ao nível mesmo da mecânica – movimentos, gestos, atitude, rapidez: poder infinitesimal sobre o corpo ativo. (FOUCAULT, 2004, p. 118).

O filósofo também afirma que esses métodos que permitem o controle minucioso das operações do corpo, que realizam a sujeição constante de suas forças e lhes impõem uma relação de docilidade-utilidade, são o que podemos chamar as “disciplinas”. E acrescenta que muitos processos disciplinares existiam há muito tempo: nos conventos, nos exércitos, nas oficinas também. No entanto, nos séculos XVII e XVIII as disciplinas se tornaram fórmulas gerais de dominação.

A disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, corpos “dóceis”. Aumenta as forças do corpo (em termos econômicos de utilidade) e diminui essas mesmas forças (em termos políticos de obediência).

O desejo pela docilidade dos corpos e sua obediência continua até hoje, assim como as diversas formas de resistência e desobediência às disciplinas impostas. É óbvio que as disciplinas são necessárias para que a sociedade funcione de forma ordenada, mas elas tentam tornar os sujeitos todos iguais e os que não se enquadram nesse modelo imposto de igualdade, ficam sob vigilância.

Carolina e seu diário, sua escrita, seu corpo, com todos os adjetivos e predicados que a vida poderia lhe dar de possibilidades de diferença; Negra, interiorana, catadora de lixo, mãe solteira, tem seu diário íntimo publicado. Segundo Levi e Meihy, escreve num momento em que:

“Particularmente no caso das mulheres, estava definido um papel de subserviência em que restava à condição feminina pobre, no máximo o direito de trabalhar servindo aos brancos como cozinheiras, babás, faxineiras”. (LEVINE; MEIHY, 1994, p.32).

Carolina resistia e se inscrevia na diferença tornando-se sujeito da sua história, dona do seu corpo. Indo na contramão da História em que os negros e as mulheres, os pobres não são escritores, não escrevem as suas histórias. São personagens estereotipados, desumanizados, objetos descritos e narrados a partir do olhar do outro. A escritora, apesar de ter o corpo cansado declara no seu diário:

“Quando fico nervosa, não gosto de discutir. Prefiro escrever. Todos os dias eu escrevo. Sento no quintal e escrevo” (JESUS, 1997, p. 17).

1.3. Quarto de despejo ou quarto de visita?

Se doer só mais um pouco,
as palavras brotarão de meus poros
e minha boca se demorará em silêncios.

Lívia Natália

Os silêncios de Carolina tornavam-se voz no seu diário, palavras entrecruzadas de dor, euforia, angústias, tristezas, vazios e esperanças.

A 15 de julho de 1955, a escritora inicia seu diário:

Aniversário de minha filha Vera Eunice. Eu pretendia comprar um par de sapatos para ela. Mas o custo dos gêneros alimentícios nos impede a realização dos nossos desejos. Atualmente somos escravos do custo de vida. Eu achei um par de sapatos no lixo, lavei e remendei para ela calçar. (JESUS, 1993, p. 9).

E assim sucessivamente, dia após dia sua vida era registrada, os registros em sua maioria conforme DANTAS (JESUS, 1993, p. 3)

A fome aparece no texto com uma frequência irritante. Personagem trágica, inarredável. [...] Em sua rotineira busca da sobrevivência no lixo da cidade, ela descobriu que as coisas todas do mundo – o céu, as árvores, as pessoas, os bichos – ficavam amarelas quando a fome atingia o limite do suportável.

A fome foi assunto constante no seu diário, para além dessa necessidade de ratificar a sua busca diária de suprir a fome dos seus três filhos, persistia em esmiuçar o cotidiano. A protagonista - autora narrava o dia a dia na favela, brigas entre vizinhos, as dificuldades da falta de saneamento, de energia elétrica, de água, hospital próximo, entre outros. Mas, Carolina acima de tudo escrevia para se manter de pé.

Clarice Lispector, no trecho do livro *Água Viva* (1999, p.12) discorre sobre o ato de escrever:

A harmonia secreta da desarmonia: quero não o que está feito, mas o que tortuosamente ainda se faz. Minhas desequilibradas palavras são o luxo de meu silêncio. Escrevo por acrobáticas e aéreas piruetas – escrevo por profundamente querer falar. Embora escrever só esteja me dando a grande medida do silêncio.

Escrever para Carolina era a possibilidade de organizar o caos, a desarmonia ao seu redor. Construir sob a sua perspectiva uma realidade outra, ainda que difícil tortuosa. Um embate dela com a inóspita favela, com seus habitantes, as palavras e dela com ela mesma. A decorrência desse conflito é o seu diário íntimo. Para SILVA (2009, p.162), no diário:

[...] somos tocados pelo ar que esse personagem respirava. Tendemos a ver nele um testemunho, ou seja, um *índice*, metonímia, e não uma metáfora, que é tradução imagética e mais distanciada dos fatos arrolados. Além disso, o diário possui também uma respiração, um ritmo, que expressa e *aponta* para a situação anímica e corpórea de seu autor. Os traços materiais inscritos no diário – que muitas vezes se desdobram em características bem sensíveis, matéricas, como o estado do papel, a caligrafia, os borrões de tinta, as rasuras etc. – reforçam o teor testemunhal do diário.

Quarto de Despejo evidencia um caráter testemunhal muito intenso, nos manuscritos/textos originais do livro “Não há como não se emocionar com a letra de Carolina. Firme, grande, corrente, vigor e energia depreendem da fluidez com que escrevia. Tanta

vitalidade justifica a pergunta, [...] por que ela escrevia e copiava o que fazia?” (MEIHY, 1993, p.29).

Trechos do diário de Carolina foram publicados no jornal *Folha da Noite*, em 1958, e mais tarde (1959) na revista *O Cruzeiro*, chegou-se ao livro, em 1960.

Quarto de Despejo foi publicado em agosto de 1960, pela editora Francisco Alves, da capital paulista e recebeu esse nome porque segundo a escritora:

Quando estou na cidade tenho a impressão que estou na sala de visitas com seus lustres de cristais, seus tapetes de veludos, almofadas de cetim. E quando estou na favela tenho a impressão que sou um objeto fora de uso, digno de estar num quarto de despejo. (JESUS, 1993, p.33).

Logo na primeira semana de lançamento, o livro vendeu cerca de cem mil cópias, segundo o jornal *Folha da Manhã* foram batidos todos os recordes de vendas de livros em tardes de autógrafos. Pela primeira vez uma livraria foi invadida pelo povo que se espremia em todo o recinto, Carolina autografou mais livros que os três recordistas anteriores: bateu sucessivamente Alzira Vargas, Carlos Lacerda e Jorge Amado, seiscentos livros. Conforme (SANTOS, 2009, p.2):

Carolina Maria de Jesus lança mão de um recurso narrativo inovador para a época, final da década de 50, princípio de 60, a narrativa em diários e/ou relatos memorialísticos, especialmente, oriundos das penas, das mãos de uma mulher e, antecipa, em 10 anos, este tipo de gênero textual materializado por escritores (homens) e, se vale dele, para alinhavar/tecer um relato, em que os fios discursivos, embora chamuscados de dor, entremostam a memória de uma mulher negra, semiescolarizada, favelada, mãe solteira, moradora da favela do Canindé e catadora de lixo.

Passados seis meses, *Quarto de Despejo* obteve uma vendagem de noventa mil cópias por todo o país. A atenção da imprensa nacional sobre a figura de Carolina foi a sua projeção para o sucesso internacional. Seu livro foi publicado em 13 línguas em mais de 40 países, incluindo o Japão e a antiga União Soviética.

O contexto histórico político e social da obra e seu lançamento perpassa pela morte de Getúlio Vargas (1954), Café Filho assumindo a presidência e Carlos Luz o substituindo por problemas de saúde.

Carlos Luz ameaçou dar um golpe, já que Juscelino havia ganhado a eleição presidencial, militares intervieram e Carlos Luz foi deposto e quem acabou assumindo depois foi Nereu Ramos, que se encarregou de passar os cargos a Juscelino e João Goulart, seu vice.

Juscelino Kubitschek virou história, seu governo (1956 – 1961) entrou para história do país como a gestão presidencial na qual se registrou o mais expressivo crescimento da economia brasileira. Na área econômica, o lema do governo foi “Cinquenta anos de progresso em cinco anos de governo”. Para cumprir com esse objetivo, o governo federal elaborou o Plano de Metas, que previa um acelerado crescimento econômico a partir da expansão do setor industrial, com investimentos na produção de aço, alumínio, metais não-ferrosos, cimento, álcalis, papel e celulose, borracha, construção naval, maquinaria pesada e equipamento elétrico. Sobre Juscelino, *Quarto de Despejo* nos diz:

O que o senhor Juscelino tem de aproveitável é a voz. Parece um sabiá e a sua voz é agradável aos ouvidos. E agora, o sabiá está residindo na gaiola de ouro que é o Catete.²Cuidado sabiá, para não perder esta gaiola, porque os gatos quando estão com fome contempla as aves nas gaiolas. E os favelados são os gatos. Tem fome. (JESUS, 1993, p. 30).

O Plano de Metas teve pleno êxito, pois com o passar da gestão governamental a economia brasileira registrou taxas de crescimento da produção industrial (principalmente na área de bens de capital) em torno de 80%.

A prioridade dada pelo governo ao crescimento e desenvolvimento econômico do país recebeu apoio de importantes setores da sociedade, incluindo os militares, os empresários e sindicatos trabalhistas. O acelerado processo de industrialização registrado no período, porém, não deixou de acarretar uma série de problemas de longo prazo para a econômica brasileira.

O governo realizava investimentos no setor industrial a partir da emissão monetária e da abertura da economia ao capital estrangeiro. A emissão monetária (ou emissão de papel moeda) ocasionou um agravamento do processo inflacionário, enquanto que a abertura da economia ao capital estrangeiro gerou uma progressiva desnacionalização econômica, porque as empresas estrangeiras (as chamadas multinacionais) passaram a controlar setores industriais estratégicos da economia nacional.

O controle estrangeiro sobre a economia brasileira era preponderante nas indústrias automobilísticas, de cigarros, farmacêutica e mecânica. Em pouco tempo, as multinacionais começaram a remeter grandes remessas de lucros (muitas vezes superiores aos investimentos por elas realizados) para seus países de origem. Esse tipo de procedimento era ilegal, mas as

² Referência ao palácio do Catete, situado no Rio de Janeiro e na época residência oficial do presidente da República.

multinacionais burlavam as próprias leis locais. De acordo com (LEVINE; MEIHY, 1994, p.138):

Neste processo, a urbanização ganhava foros determinantes e procedia-se à inversão da taxa demográfica, que definha em termos rurais para engrossar as fileiras citadinas. A transformação dos camponeses em operários era uma imposição surda à consciência das pessoas, que viam suas vidas conduzidas por uma força histórica imperceptível. O que restava, isto sim, eram as justificativas pessoais e a adequação da vida à contingência do poderoso destino social e político.

A partir da década de 1940, um enorme fluxo de migrantes nordestinos veio para São Paulo em busca de trabalho e de melhores condições de vida. Esse fluxo aumentou com o plano de metas do governo Juscelino, pois a maioria das empresas multinacionais, como as grandes montadoras de automóveis: Ford, Volkswagen, Willys e GM (General Motors) entraram no país nesse período.

Estas indústrias instalaram suas filiais na região sudeste do Brasil, principalmente, nas cidades de São Paulo, Rio de Janeiro e ABC (Santo André, São Caetano e São Bernardo). As oportunidades de empregos aumentaram muito nesta região, atraindo trabalhadores de todo Brasil.

Carolina seria uma dessas migrantes que saiu do campo – mais especificamente de Minas Gerais – para tentar viver na grande cidade. Esse fluxo de gente levou São Paulo a uma urbanização caótica, pois assim como ela, muitos migrantes sem lugar para morar, ocuparam terrenos vazios e devolutos, encostas de morro, etc., sem qualquer infraestrutura e no abandono completo das políticas públicas.

Apesar de todos esses problemas, Kubitschek recebeu apoio de todas as frentes e gerou uma fase de otimismo no povo brasileiro. Todos acreditavam, principalmente os intelectuais, que a pobreza poderia ser combatida, efetivamente, com programas sociais e de educação.

Conforme Levine, de início, a receptividade da história de Carolina foi, em certo nível, fruto da romantização da vida dos pobres. Antes de dar o choque que colocaria a opinião pública em outro extremo, cabe recordar que a elite via o povo de maneira alienada. *Quarto de Despejo* acaba com a visão idealizada das favelas que é trocada pelas evidências testemunhais da violência.

O diário íntimo de Carolina prenuncia através da voz de um sujeito-autor, narrador e personagem, sob uma linguagem fraturada, uma sociedade desigual, bipartida. De um lado a favela e de outro a cidade grande. De acordo com Carolina: “... Eu classifico São Paulo assim: O palácio, é a sala de visita. A prefeitura é a sala de jantar e a cidade é o jardim. E a favela é o quintal onde jogam os lixos”. (JESUS, 1993, p.28).

Quarto de despejo: Diário de uma favelada (esta última parte do título incluída pelo jornalista Audálio Dantas), fez da sua autora uma celebridade nacional e internacional e como salienta Levine, ocupando lugar de realce na história editorial brasileira, latino-americana e até mundial. E a queda da obra e da autora foi tão brusca quanto a sua ascensão. De acordo com (ALVES, 2002, p. 235), sobre a produção literária de autores e autoras negras:

Primeiro é acusada de essencialismo, depois é punida com o anonimato. Trata-se de um anonimato complexo, que retira a legitimidade do negro como escritor. A esse escritor é reservado um lugar de objeto de estudos no discurso de pesquisadores, ou seja, alguém que só tem existência através do agenciamento do outro [...] Na verdade, existe a prática de defender o status quo da literatura e a visão de que é um lugar reservado a determinados assuntos, específicos das suas formas de abordagens.

Quarto de Despejo e Carolina foram relegados ao esquecimento, com o golpe militar de 64, seu livro não foi proibido, mas os editores evitaram as vendas por receio da ditadura, pelas denúncias que a obra fez sobre os governantes, por toda crítica social que o livro relata, a obra acabava por transmitir uma inadequação, ao padrão de mensagem proposto pelo golpe, que evitava a crítica social.

Aliado a esse fator, as reações da escritora em relação à atitude impertinente, implicante, preconceituosa e racista da imprensa, que a todo o momento provocava, julgava e estereotipava Carolina. “Feita mercadoria, passava a ser – e quem conta é o jornalista Elias Raide – como um animal estranho”. (LEVINE; MEIHRY, 1994, p.32).

“De qualquer forma é notável como a presença, e mesmo os momentos de silêncio de Carolina, irritavam a imprensa, que se manifestava contrária àquela mulher que emergiu como possível crítica da sociedade”. (LEVINE; MEIHRY, 1994, p. 38).

Após *Quarto de Despejo*, Carolina teve mais quatro livros publicados: *Casa de Alvenaria* (1961), *Provérbios* (1963), *Pedaços de fome* (1963) e *Diário de Bitita* (1986) póstumo. Nenhum deles alcançou relevo como o primeiro.

Em 13 de fevereiro de 1977, Carolina termina a sua trajetória, com 63 anos, doente, fragilizada, morre vitimada por uma crise de asma, em Parelheiros, São Paulo. Os recursos para o seu enterro foram doações de vizinhos.

E a partir dos anos 90 seu *Quarto de Despejo* torna-se um quarto de visitas, pesquisadores, professores, estudantes, entre outros, debruçam-se sobre a sua emblemática vida e sua inusitada obra. Carolina ainda tem muito a dizer...

2 ESCRITORAS CRIOULAS NA LITERATURA CABO-VERDIANA: VOZES SILENCIADAS.

[...] onde tudo seria novo e nada ou ninguém

Ihe falaria do passado e do futuro.

Isto sim, era a liberdade.

Dina Salústio

A formação da sociedade cabo-verdiana, diferentemente da que se concebeu no Brasil, foi pautada originariamente em dois estatutos: o negro africano e o branco português. Os meandros do processo de constituição étnica da nação resultaram no mestiço.

Em termos antropológicos, Cabo Verde distinguiu-se das outras colônias portuguesas porque ali o mestiço e a mestiça, retratados na figura do mulato e da mulata, não sofreram as injunções raciais presentes em países como Brasil e Angola, por exemplo. O mulato e a mulata são, no contexto histórico e antropológico da formação identitária cabo-verdiana, o mais profundo e estável referente humano do país, ainda que, por questões de distribuição do elemento português (e europeu) e do elemento negro nas ilhas, haja aspectos antropológicos identitários distintos quando se considera cada ilha separadamente. Conforme Mariano:

Parece-me ter havido em Cabo Verde um certo desvio naquilo que o português realizou nas áfrias. [...] No Brasil, por exemplo, nota-se que ao branco coube sempre a função de líder, de mestre na evolução da sociedade brasileira. Em Angola, Moçambique, Guiné ou S. Tomé e Príncipe, coube ao português o poder de comandar o fluir e o refluir dos acontecimentos locais. Em Cabo Verde o problema parece-me de certo modo diverso, pois aí o mulato adquiriu desde cedo grande liberdade de movimentos e teria sido ele, o mulato, quem realizou em Cabo Verde o papel que o português reinol desempenhou no Brasil. Isto é: ter-se-ia transferido para o mulato a condição de mestre, de líder na estruturação da sociedade caboverdeana. /.../ Teria sido este quem se encarregou de receber e recriar elementos da civilização europeia. E teria sido o funcho, e não o sobrado, o laboratório exacto onde se processou a síntese de culturas, e a apropriação pelo negro e pelo mulato de elementos e expressões civilizacionais portuguesas. A cultura fez-se de baixo para cima. Não se fez da Casa Grande para a senzala como sugere G. Freyre. (MARIANO, 1991, p.53).

Nesse contexto, a literatura cabo-verdiana não trabalha com o conceito de racismo, a categoria que rege a cultura crioula (cabo-verdiana) é a criouldade.

Sobre a cultura cabo-verdiana, Gomes:

A minha visão é a dos historiadores e estudiosos da cultura cabo-verdiana: a mestiçagem gerada, no início da povoação da ilha de Santiago, pela posição de Cabo Verde como entreposto de mercadorias (inclusive escravos), o que facultava o trânsito de pessoas pelo arquipélago, e a importância dos portos cabo-verdianos (como o Porto Grande, de São Vicente nas rotas de navegação para abastecimento de navios a carvão, por exemplo) criou um mundo mulato, como diz Gabriel Mariano, de ascensão vertical do mestiço na sociedade, à diferença das outras sociedades coloniais de língua portuguesa espalhadas na África. Assim, a burguesia mulata forjou a cultura que hoje conhecemos expressa na música, na literatura, nas tradições sincréticas.³

E a literatura está imbricada no processo histórico cabo-verdiano, como país e como nação. A literatura serviu como base de afirmação, instrumento de combate e realização da cabo-verdianidade, em diferentes momentos da sua história.

O primeiro romance de temática cabo-verdiana, *O Escravo*, publicado em Portugal, em 1856, do português radicado em Cabo-Verde, José Evaristo de Almeida,

testemunha, em estilo romântico-realista, as atribuições de um amor camiliano (a escravatura do amor) condenado pelas barreiras de raça e classe e, ao mesmo tempo, a formação de uma sociedade com identidade crioula, prestes a se desembaraçar do sistema escravocrata (a escravatura de condição) e dos seus ranços racialistas. (GOMES, 2008, p.1).

Retrata a vida social cabo-verdiana dos meados do século XIX, tem por protagonista João, um escravo negro que se apaixona por sua senhora, Maria, uma mestiça livre.

O fio condutor urdido por Almeida tece uma narrativa:

“ [...] não somente pelo cenário político, cultural, geográfico e racial em que se insere (a colonização, a língua crioula, os costumes, a flora, a toponímia, o confronto de raças e a mestiçagem), mas também pelos costumes tradicionais afro-negros [...]” (GOMES, 2008, p.2)

E apesar de Evaristo retratar a cultura cabo-verdiana na sua essência, construiu personagens femininos negros e mestiços nos moldes do movimento romântico, com características europeias e reforçando estereótipos negativos.

O Romantismo cultivava o nacionalismo, que se manifestava na exaltação da natureza pátria, na criação do herói, na idealização do amor e da mulher.

A personagem Maria, é descrita na obra:

³ Entrevista concedida ao jornal Portal Galego da Língua, em dezembro de 2009.

Maria, dotada de compreensão fácil – de uma penetração de causar inveja aos mais talentosos – possuía – além dos lisonjeiros dotes físicos – um coração de têmpera sumamente delicada. Dera-lhe a natureza uma daquelas almas, fortes na dor, sensíveis na compaixão, modestas na alegria [...] A ingenuidade da sua alma levava-a a acreditar nas flores uma sensibilidade igual   sua. (ALMEIDA, 1989, p. 34).

Alguns pensadores racistas do século XIX (Franz Joseph Gall, Paul Broca, Gobineau) postularam que a mistura de raças faria qualquer nação perder suas características essenciais e seu caráter harmonioso e essa desarmonia daria origem a todos os males sociais, tais como os abusos do álcool, do fumo, a irritabilidade excessiva, etc.

Segundo o conde Joseph Arthur de Gobineau, no seu ensaio sobre as desigualdades das raças humanas, publicado em quatro volumes entre 1853 e 1855:

Todas as civilizações resultam das conquistas arianas sobre os povos mais fracos; começaram todas a declinar quando o sangue ariano diluiu-se por cruzamentos. Os brancos ultrapassam todos os outros em beleza física. Os povos que não têm o sangue dos brancos aproximam-se da beleza, mas não a atingem. De todas as misturas raciais, as piores, do ponto de vista da beleza, são as formadas pelo casamento de brancos e negros. (MUNANGA, 1999, p. 43).

Já a personagem Luiza, uma escrava, que amava João e sofria por perceber que ele amava Maria   descrita dessa forma:

[...] e ela_ amarrando o pano de maneira a deixar esculpidas as formas do corpo _ levando as mãos umas vezes   cintura, outras ao ar, onde faz ouvir os trincos dos seus dedos _ olhando alternadamente o céu e a terra – ela se inclina, se dobra, se eleva, se torce, se volta, se arqueia, tudo com agita o febril – com transportes frenéticos – com furor vertiginoso _ com movimentos tantos, tão rápidos e l bricos; que julgareis nela a lascívia personificada! (D'ALMEIDA, 1989, p. 78).

A sociedade colonial, a partir de sua estrutura, relegou ao negro e a tudo proveniente dele, incluindo o mestiço   condi o de subalternidade e inferioridade.

De acordo com Munanga:

[...] a mestiçagem não pode ser concebida apenas como um fen meno estritamente biológico, isto  , um fluxo de genes entre populações originalmente diferentes. Seu cont do   de fato afetado pelas ideias que se fazem dos indivíduos que compõem essas populações e pelos comportamentos supostamente adotados por eles em fun o dessas ideias. A no o da mestiçagem, está saturada de ideologia. (MUNANGA, 1999, p.18).

As imagens estereotipadas tanto dos negros quanto dos mestiços surgiram como resultado de todo um argumento que serviu de alicerce para a continuidade de um sistema

onde um lado se encontravam colonizadores e de outros colonizados. O colonizador branco acabou por produzir uma leitura eurocêntrica aos valores e representação de mundo do negro e do mestiço.

Nos diversos romances do século XIX que tratam da escravidão no período colonial, observa-se que, grosso modo, ora ela servirá de pano de fundo, ora será o centro da diegese na forma de denúncia. Algumas das obras idealizaram as personagens escravas, negras e mulatas, porém, atribuindo-lhes traços de uma dama da corte ou de um membro da burguesia, totalmente revestidos de europeidade. (CASTRILLON, 2011, p. 26).

No caso de *O escravo*, essa possível leitura se justifica pelo fato de José Evaristo pretender na tessitura da sua narrativa exaltar os valores da cabo-verdianidade e alçar os mestiços a um patamar de igualdade ao branco europeu e colonizador. Elaborando dessa forma, uma personagem mestiça com características burguesas e europeias, Maria. Um protagonista, herói, negro e escravo que ao final da narrativa morre sem conseguir viver o romance com sua senhora e amada, João. Uma escrava, Luiza, que também morre ao final da narrativa.

A representação da mulher negra ou mestiça nas instâncias fundadoras e na tradição literária cabo-verdiana foi impregnada de estereótipos e descaracterizações no que concerne a sua etnia e equidade ao poder masculino.

A personagem feminina foi descrita conforme Gomes focando:

[...] predominantemente temas como a restrição das mulheres ao lar, ao espaço privado e à maternidade, a santidade feminina *versus* a sensualidade, a prostituição, o aprisionamento na beleza e eterna juventude das Vênus e seu distanciamento do real cotidiano. (GOMES, 2012, p. 1).

Além dessa descrição da personagem feminina, restringindo o seu papel ao espaço privado em detrimento do espaço público, é possível constatar a ausência de escritoras mestiças na tradição literária de Cabo-Verde e a obliteração de suas obras, assim como no Brasil.

Segundo Ferreira, a literatura colonial foi dando lugar a uma literatura de sentimento regional e avançando para uma representatividade nacional e dando lugar a uma literatura africana. Caracterizada pelos pressupostos de intervenção, na certeza de que à literatura pode ser atribuída uma particular participação social.

Em Cabo Verde, o marco dessa tomada de consciência foi à revista *Claridade* (Publicada entre 1936 e 1960), divisor de águas na literatura cabo-verdiana, representou a independência intelectual e cultural da colônia em detrimento da metrópole.

Para Gomes a revista *Claridade* é a primeira manifestação intelectual da elite crioula, traçando uma divisória entre a poética tributária do modelo português e o mergulho nas raízes locais, passando pela leitura do modernismo brasileiro. (GOMES, 2006, p.165).

Entretanto, as mulheres foram excluídas dos nove números da revista. E das revistas que se seguiram *Certeza*, *Suplemento Cultural*, *Seló*, *Raízes*, *Fragmentos*, entre outras; somente duas escritoras foram mencionadas, Orlanda Amarilis e Vera Duarte.

Em 1991, ocorre a publicação da obra *Mirabilis de Veias ao Sol*, organizada por José Hopffer Almada, a primeira antologia poética pós-independência. Que para Secco preconizava:

Notamos que, diante do desencanto advindo do enfraquecimento e despolitização das utopias revolucionárias, os poetas passaram a construir novas imagens e metáforas voltadas para o interior do humano, numa procura de politização dos sentimentos. O compromisso, dessa maneira, deixa de ser um pacto tramado com instâncias exteriores aos homens e passa a penetrar na interioridade destes. Transforma-se, assim, em uma “política dos afetos”, espaço intervalar entre indivíduos capazes de criar uma cidadania ativa, uma vez que a liberdade não mais se apresenta como algo messiânico vindo de fora, mas como um processo tecido entre múltiplas e diversas subjetividades (SECCO, Algumas tendências da poesia cabo-verdiana hoje, online).

Nesse contexto do sujeito cabo-verdiano voltar-se para si e pensar em novas subjetividades, desponta Bernardina de Oliveira Salústio. Poeta e ficcionista, primeira romancista cabo-verdiana, lançando em 1998, *A Louca de Serrano*. Uma das poucas vozes femininas em um cânone literário composto majoritariamente por vozes masculinas (CAPUTO, 2008, p.202).

2.1 Bernardina Salustio: Ao sabor do voo

[...] farta já dos voos rasantes
que planam sem ousar
me arme de um hino revolucionário

e parta...
em direção a uma madrugada diferente.

Vera Duarte

Bernardina Oliveira Salústio ousou voos mais altos e se armou de palavras, poemas, contos e outros escritos. Em entrevista concedida à professora Simone Caputo Gomes⁴, Dina Salústio (pseudônimo), afirmou que denominá-la “escritora” é exagero e complementava: “Sou uma mulher que escreve umas coisas”.⁵

Dina é natural da ilha de Santo Antão, Cabo Verde, nasce em 27 de março de 1941. Segundo MADEIRA, Cabo Verde:

Situa-se numa posição geográfica privilegiada entre o Norte e o Sul, o Ocidente e o Oriente, na rota das grandes linhas de navegação e de comércio marítimo. O arquipélago é constituído por dez ilhas e vários ilhéus, divididos em dois grupos: o de Sotavento no sul, abarcando as ilhas de Santiago, Fogo, Maio, Brava e os ilhéus Secos e Rombos, e o grupo de Barlavento norte, de que fazem parte Boa vista, Santa Luzia, Santo Antão, São Vicente, São Nicolau, Sal e os ilhéus Branco e Raso. Todas estas ilhas são habitadas, com exceção da ilha de Santa Luzia e os ilhéus. Este arquipélago situa-se a cerca de quinhentos quilómetros (500 km) da costa ocidental africana, possuindo uma área total de 4.033km² de superfície marítima, situada no oceano atlântico entre a Europa, África e América. (MADEIRA, 2014, p.2).

O descobrimento de Cabo Verde se deu no século XV, em 1460. No entanto, seu povoamento, estruturação social e econômica foi diferenciada em detrimento das outras ex. colônias portuguesas em África, Guiné-Bissau (1446), Angola (1575), Moçambique (1505) e São Tomé e Príncipe (1485).

O povoamento do arquipélago aconteceu logo após o seu descobrimento, mas não avançou conforme o modelo preestabelecido pelo Império Português, por diversos fatores: os problemas financeiros que na época a coroa atravessava, a distância entre o arquipélago e a Coroa e o clima seco e árido da ilha. Sendo assim conforme Madeira (2014, p.9) “O tráfico de escravos foi um dos pilares essenciais nesta estruturação, permitindo, por um lado, uma progressiva afirmação econômica, comercial e administrativa do arquipélago, e, por outro, uma gradual autonomia dos colonos em relação à Coroa Portuguesa.”

⁴ Professora Doutora da Universidade de São Paulo, de Literaturas Africanas de Língua Portuguesa e de Estudos Comparados.

⁵ Entrevista concedida à professora Simone Caputo Gomes, na Cidade da Praia, capital de Cabo-Verde, em 12 de novembro de 1994.

Com a abolição da escravatura, o país começou a dar sinais de fragilidade e entrou em decadência, revelando uma economia pobre e de subsistência.

Em contrapartida, a primeira iniciativa do governo português em relação ao ensino foi direcionada a Cabo verde. Segundo FERREIRA (1987, p. 8):

Nos Boletins Oficiais de Cabo Verde, verificamos várias providências adotadas nos fins do segundo quartel do século XIX sobre a instrução pública no Ultramar, como: em 1845 inicia-se a organização da instrução primária nas províncias. [...] Tanto assim que em 1860 é criado e estabelecido na cidade da Praia um liceu, com a denominação de Liceu Nacional da Província de Cabo Verde.

O prelo foi instalado nas ex. colônias portuguesas nas seguintes datas: Cabo verde (1842), Angola (1845), Moçambique (1854), São Tomé e Príncipe (1857) e Guiné-Bissau (1879).

Conforme Ferreira, cedo se teria criado e desenvolvido em Cabo verde o ensino primário particular, e depois o secundário. Também a criação de bibliotecas, como a da Praia, associações culturais, entre outras.

Ferreira ainda nos relata que o padre António Vieira, em uma de suas viagens ao Brasil, de passagem pela antiga capital de Cabo Verde, Ribeira Grande, dá-nos notícia do desenvolvimento do arquipélago nesse período:

São todos pretos, mas somente neste acidente se distinguem dos europeus. Têm grande juízo e habilidade, e toda a política que cabe em gente sem fé e sem muitas riquezas, que vem a ser o que ensina a natureza. [...] Há clérigos e cônegos tão negros como azeviche; mas tão compostos, tão autorizados, tão doutos, tão grandes músicos, tão discretos e bem morigerados, que podem fazer invejas aos que lá vemos nas nossas catedraes. (FERREIRA, 1987, p.28).

Todo esse avanço em Cabo verde favoreceu o primeiro movimento cultural-literário nativista da África lusófona, em 1936, na cidade de Mindelo, ilha de São Vicente, a revista *Claridade*. Como já dito anteriormente, divisor de águas entre a literatura colonial e a literatura africana, inclusive essencialmente, como elemento político, reflexivo para a realidade histórico-social do arquipélago, que culminaria com a independência Cabo-verdiana.

Desde o período colonial em Cabo Verde, surgiu ainda de forma incipiente o que poderia designar-se de ‘sentimento’ nacional ou nacionalista, com fugas de escravos, revoltas

de camponeses pobres, protestos de comerciantes nativos e da própria administração local, face ao abandono da metrópole. E com o decorrer do tempo esse sentimento ganha corpo e no século XX, não só Cabo Verde, mas as ex-colônias tornam-se independentes. Guiné-Bissau em 1973 e Angola, Moçambique, Cabo Verde e São Tomé e Príncipe em 1975.

Segundo o Instituto Nacional de Estatísticas, a grande maioria da população de Cabo Verde (61,8%) mora hoje nas cidades, mostrando uma tendência comum nos países de rendimento médio que é a migração das áreas rurais para as áreas urbanas.

No ano 2000, a população nas áreas urbanas correspondia a 47,8% da população do país, já em 2010, a maioria da população de Cabo Verde está nas áreas urbanas (61,8%); entretanto, em 16 dos 22 Conselhos de Cabo Verde a população rural é proporcionalmente maior do que a urbana. O Conselho com maior população, e praticamente toda sua população tida como zona urbana (97,1%), é Praia (aproximadamente 132 mil pessoas), com quase o dobro da população do segundo Conselho mais populoso que é São Vicente com 76 mil habitantes, e também onde 92,5% da população está na área urbana. Retirando-se estes dois conselhos, quase 62% da população de Cabo Verde ainda residem em zonas rurais. O Conselho com menor população é Tarrafal de São Nicolau, com um pouco mais de cinco mil pessoas.

Dessa forma, a maioria das famílias cabo-verdianas habita as zonas rurais, mais de 60% dos chefes de família são mulheres e metade delas conduz explorações agrícolas; as demais são assalariadas nas cooperativas, no comércio e nas Frentes de Alta Intensidade de Mão de Obra – FAIMO, nas quais representam 60% em domínios como florestação, conservação de solos e águas. De acordo com Gomes (O arquipélago “literopintado”: escritura literária de autoria feminina em Cabo Verde, 2010)

Numa sociedade eminentemente agrícola, reconhece-se cada vez mais a importância do trabalho feminino na realização de tarefas como a sementeira, a colheita, o descasque e a transformação do produto, além de recolher água (percorrendo longos trajetos), transportar lenha e cana para o fabrico do grogue, fazer funcionar o fogão de três pedras (gastando muitas horas de seu dia), carregar pedregulhos ou latões de cascalho à cabeça na frente de abertura de estradas. Além de valiosa mão-de-obra nos campos e de cumpridora dos trabalhos domésticos e funções familiares (como mãe e chefe), a mulher é força atuante no resgate e na preservação do património cultural do Arquipélago. (CAPUTO, 2012, p.2).

A evolução da condição feminina crioula acompanhou a trajetória histórico-política em Cabo Verde. Segundo Gomes, num primeiro momento, em função das questões coloniais, principalmente do patriarcado, a mulher era impedida de extravasar o limite do trabalho

doméstico, cabendo ao homem o poder de decisão na gestão do lar e na educação dos filhos. Depois, com a emigração, devido às baixas condições de vida no arquipélago, as mulheres foram obrigadas a serem chefes de família, gestoras do lar e representantes dos maridos nos negócios. Já num terceiro momento, desempenhando bem as tarefas anteriores, a mulher agregou outras tarefas e papéis que ultrapassavam a condição de mãe e esposa, ocupando de forma mais efetiva o espaço público.

Nesse contexto, emerge Bernardina de Oliveira Salústio, poeta, ficcionista e ensaísta. Salústio assume os papéis de “jornalista, assistente social, produtora de rádio, diretora da rádio educativa, dona de um programa de histórias infantis e técnica do Ministério dos Negócios Estrangeiros” (SANTOS, 1999, p. 238), como também “membro coordenador da Associação dos Escritores Cabo-verdianos, sócia fundadora das revistas *Mujer* e *Ponto & Vírgula*, colaboradora do Instituto da Condição Feminina...” (GOMES, 2008, p.219). Ela é a primeira romancista cabo-verdiana, pioneira, com a obra *A Louca de Serrano* (1998). Sobre o livro *Mornas eram as noites* e sua escrita Dina nos diz:

[...] necessidade de publicar as inúmeras histórias de mulheres, histórias de vida que passam por mim [...]. Não só ficção, é cá um encontro que é verdade, um momento só. [...] Não fiz uma seleção desses textos, só o primeiro foi intencional, para querer mostrar o meu reconhecimento a estas mulheres cabo-verdianas que trabalham duro, que fazem o trabalho da pedra, que carregam água, que trabalham a terra, que têm a obrigação de cuidar dos filhos, de acender o lume. Quis prestar uma homenagem a esta mulher [...]. As histórias acontecem ao sabor do voo. Falo das mulheres intelectuais, daquelas que não têm nenhum meio de vida escrito, falo da prostituta, falo de todas as mulheres que me dão alguma coisa, e que eu tenho alguma coisa delas.[...] Em Cabo Verde, quando nasce uma menina, ela já é uma mulher.(HAMILTON, 2000, p. 114).

2.2 Dina Salústio: A escrita do cotidiano

“A palavra é um pacto com o tempo.
Mesmo que seja um tempo fissurado
entre realidade e sonho entre vivido
e por viver, entre ruído e silêncio.”

Paula Tavares

A história das mulheres cabo-verdianas é permeada por diversas formas de coação, cerceamentos sociais e culturais, impedindo-as assim, de exercer a plenitude de sua cidadania.

A escrita de autoria feminina em Cabo Verde age como palavra combativa, um pacto com o tempo vivido, no sentido de preservá-lo, porque este não pode ser alterado. E age como fissura, rompendo o silêncio, para escrever o que há para viver.

Ainda sim, a sociedade cabo-verdiana, na sua trajetória histórico-política, implantou algumas ações afirmativas.

Na primeira república (1975-1990), a Organização das Mulheres de Cabo Verde – OMCV, criada em 1981, com base nos princípios políticos do Partido Africano da Independência de Cabo Verde, lutou de forma determinante pela igualdade na educação, na saúde, na economia, entre outros. Hoje constitui uma organização não governamental, que ainda luta pela inserção da mulher como peça fundamental na construção da nação.

Na segunda república, após as eleições pluripartidárias (1991), as políticas públicas elaboradas foram especialmente direcionadas às mulheres. Uma maior integração das mulheres no processo de modernização da cultura, desenvolvimento de cooperativas de mulheres, criação de pré-escola liberando as mães para trabalho fora do lar, entre outros.

Com a abertura política, inúmeras associações foram criadas pela sociedade crioula para discutir a problemática da mulher cabo-verdiana. As mais representativas são: MORABI (1991), Associação de apoio à autopromoção da mulher no desenvolvimento; Associação das mulheres empresárias (1992); ICF (1994), Instituto da condição feminina, com a finalidade de integrar a mulher em todos os domínios da esfera social, política e econômica. Seguiram-se também conferências e Planos de Ação Nacionais.

Mesmo com todas essas conquistas a mulher cabo-verdiana ainda não tem o labor doméstico incluído nas estatísticas nacionais como força de trabalho e a agricultura doméstica não é contabilizada no PIB, por exemplo. A violência doméstica, a prostituição, o turismo sexual, o tráfico de mulheres, a maternidade precoce, o alcoolismo e até a loucura ainda são consequências do cerceamento psicossocial sofrido pela mulher crioula.

A ideologia patriarcal e a opressão imposta pelo colonialismo criaram estratégias autoritárias para excluir as mulheres das atividades de prestígio na sociedade, inclusive no que concerne à autoria literária. A mulher foi condicionada ao espaço restrito do privado e do cotidiano, tendo sua historicidade obliterada.

No entanto, com o advento da modernidade conforme (Dias, 1998, p.224)

Houve uma ruptura nos costumes e nos valores vivenciados pelos sujeitos históricos. O conceito de cotidiano, uma ideia de rotina, lazer, de fatos encadeados num plano de continuidade, campo da necessidade e da repetição, área reservada ao consumo, à cultura dominante.

Foi conceituado por alguns pensadores (Gianni Vattimo, Felix Guattari, Henry Lefebvre, Jean Paul Sartre, entre outros) da nossa contemporaneidade, sob outro prisma o conceito de cotidiano, sugerindo mudança, ruptura, dissolução de culturas, possibilidades de novos modos de ser.

Dentro dessa perspectiva, a Literatura de autoria feminina em Cabo Verde, procura destacar o perfil da mulher atuante e transformadora da sua história a partir do seu cotidiano.

Conforme Gomes:

“Ela objetiva, sobretudo, dar visibilidade e voz à historicidade das mulheres crioulas. Observamos como os textos literários femininos recortam e escrevem a nação Cabo-Verdiana”. (p.1, 2012).

E ainda ressalta que as escritoras colocam em ação, em seus textos, a mulher cabo-verdiana, seja como protagonista, coadjuvante ou figurante de destaque, documentando a historicidade da participação feminina na construção e no desenvolvimento do país.

Bernardina de Oliveira Salústio desponta numa antologia que recebeu o nome de *Mirabilis*, expressão que segundo a professora Secco é o significado de uma planta que resiste nas securas do deserto, uma analogia aos poetas que resistem à estrutura política e social do arquipélago apresentando sua obra poética e ficcional.

E assim é a escrita de Dina, suas narrativas giram em torno da mulher, do silenciamento da sua voz na sociedade, do questionamento do seu papel e da forma como é tratada e pensada no seu meio.

“Falava-se de uma outra mulher, Greminiana, rapariga rebelde que também quase destruíra a aldeia,[...] uma mulher que desistiu de ser capacho para voar, mesmo sabendo que as suas asas tinham um tempo marcado”.(SALÚSTIO, 2001, p. 16).

O seu percurso literário é identificado pelos poemas na obra poética *Mirabilis de Veias ao Sol*: antologia dos novíssimos poetas cabo-verdianos (1991), organizada por José Hopffer Almada. Na categoria ficção, publicou a crônica “Cantar... ou Chorar Apenas” (1993), os contos reunidos na obra *Mornas eram as noites* (1994), os romances *A Louca de Serrano* (1998) e *Filhas do Vento* (2010). Na categoria literatura infanto-juvenil publicou *A estrelinha Tlim-Tlim* (1998). Escreveu os ensaios “A defesa do último recurso: interrupção voluntária da gravidez” (1985), “Violência contra a mulher” (1999), *Insularidade na Literatura Cabo-verdiana e Vítreas Labaredas*, estes dois últimos reunidos na obra *Cabo Verde Insularidade e Literatura* (1998), organizado por Manuel Veiga.

Chegam notícias de barcos no fundo
 copos em cacos
 cacos em corpos
 papéis vazios
 bocas seladas
 crianças vendidas
 brinquedos sem dono
 ventos sem brisa
 violão sem cordas
 meninos sem riso
 braços sem abraços
 céus sem espaço
 Por que drama por uma amizade que morre?
 (SALÚSTIO, *Mirabilis de veias ao sol*, 1991, p. 154).

A obra de Salústio é marcada por questões relacionadas à mulher como sujeito, cidadã, ativa e construtora do seu caminho, das suas escolhas, sejam elas quais forem. Suas personagens são mulheres que escrevem a nação cabo-verdiana a partir do seu cotidiano.

Filipa, uma menina amarrada ao silêncio nos melhores anos da sua infância que, quando finalmente livre, não deixou que um dos seus lados de mulher tivesse voz. (SALÚSTIO, 2001, p.26)

2.3 A Louca de Serrano

*"Quantos de nós, longe das nossas ilhas,
sempre a querermos ir sem podermos
e a ter de ficar sem querermos."*

Orlanda Amarílis

Faz parte da identidade cabo-verdiana o dilema: ter de partir querendo ficar e o querer partir tendo de ficar. A população cabo-verdiana enfrentou grandes períodos de seca, nos últimos 271 anos houve 97 anos de seca, uma média de uma seca a cada três anos, gerando fome, ausência de trabalho e falta de perspectivas.

Para muitos a única solução é sair de sua região natal em busca de melhorias, por isso a necessidade de 'ter de partir mesmo querendo ficar'. Alguns não têm como buscar um local melhor para viver e acabam permanecendo onde moram, nesse caso o que move as pessoas é o 'querer partir tendo de ficar'.

A literatura cabo-verdiana, na sociedade colonialista e machista da década de 30 do século XX, apresenta as mulheres, prioritariamente, sob dois prismas: aquelas que lutavam pela sobrevivência perante a seca com dignidade e resignação, e as que partiam em busca de sobrevivência pelo viés da emigração, ou da prostituição, acreditando serem esses os únicos caminhos plausíveis reservados a elas. (QUEIROZ, Literatura e representação social das mulheres em Cabo Verde: Vencendo barreiras, 2010)

Nesse contexto, a escrita de autoria feminina em Cabo Verde busca retratar personagens em que as mulheres figuram para além dos espaços restritos pelo patriarcalismo. São mulheres que figuram nos espaços privados, públicos, cotidiano e, através destes, se inscrevem no processo de construção da identidade nacional crioula.

E como na narrativa “*A Louca de Serrano*,” o cotidiano das personagens salustianas, inscreve as mulheres cabo-verdianas no processo de construção da identidade nacional crioula?

Recorremos primeiramente a Jobim (Narrativa e História In: Forma da teoria. Rio de Janeiro: Caetés, 2002, p. 149-161.) para respondermos a questão:

Se o discurso da História, de certo modo, cria no presente a noção de ausência ao que já existiu no passado, e este se propõe como representação do que não pode mais ser presente, então a obra literária pode ser vista como espécie de paradoxo, porque ao mesmo tempo pode ser percebida como um traço do passado e como um objeto do presente.

As mulheres crioulas tiveram sua historicidade obliterada, foram tratadas como objeto e não sujeito na construção da nação cabo-verdiana. Foram relegadas ao privado, em detrimento do estar em público ocupando posições privilegiadas somente por homens.

A História oficial, então, nos apresenta essa lacuna, da ausência da participação da mulher crioula na identidade nacional cabo-verdiana. Situações que não podem ser mais presentificadas. No entanto, a obra literária é capaz de recuperar ou preencher essa lacuna, à medida que ocupa um entre - lugar. Conforme Santiago, a definição desse conceito:

“[...] o lugar de observação, de análise, de interpretação não é nem cá, nem lá, é um determinado “entre” que tem que ser inventado pelo leitor”. (2000, p.13).

E é dessa perspectiva que Salústio começa a narrativa de “*A Louca de Serrano*” paradoxalmente trazendo um traço do passado, uma das lendas que explica a formação das ilhas de Cabo-Verde:

Serrano, esquecida da civilização, comprimia-se entre os caminhos remotos que levavam a uma longínqua saída para a capital e a região selvagem que se estendia até se perder as vistas, imersa num mundo povoado de seres de estranhos costumes aos quais não estavam alheios denunciados pactos com os subterrâneos da terra e das águas habitados por animais que nunca se mexiam e pedras com miolo mole que em determinados períodos se tornavam caprichosos e ditavam as regras que conduziam os destinos de quem por ali nas noites passava. Dizia-se que Serrano trazia o destino escondido de uma velha mulher, gigante de pedra atirada ao mar e que em tempos que ninguém conheceu, deitara fora de si bocados do seu corpo que se espalharam como ilhas pelo mundo, fixando-se em parte incerta. (2001, p.14).

O leitor logo é capaz de perceber esse traço e também da mulher como matriarca fundadora do chão Cabo-verdiano. A narrativa como objeto do presente, transgredindo, subvertendo uma “verdade” histórica androcêntrica.

Como Salústio nasceu na ilha de Santo Antão, é a partir dessa vivência que a escritora ambientaliza suas narrativas. Serrano possui personagens, filhos de camponeses que emigraram, apresenta a relação com o trabalho na agricultura, sendo a sementeira um símbolo forte da identidade cabo-verdiana. De acordo com Spínola:

“A sementeira é o processo anterior de ver os grãos na terra; o ritual desenvolvido une diversas pessoas no auxílio da plantação, este denominado “djunta-mô”, juntando as mãos.” (SPÍNOLA, 1998, p. 49).

Na narrativa: “Carregou-a para a cabana onde os homens pernoitavam na altura da sementeira ou das colheitas e guardavam ferramentas” [...] (SALÚSTIO, p.68).

Serrano acaba por ser uma ilha, sofrendo com a insularidade como Cabo-Verde, que ficou isolada por Portugal em detrimento das outras colônias, por possuírem mais matérias-primas. E o isolamento também se deu pela imposição do mar sobre as ilhas cabo-verdianas, acabando por desencadear uma cultura própria como o crioulo cabo-verdiano, por exemplo.

“Serrano abraçava-se sobre si mesma, deixava-se perder no entrelaçar das árvores e das pedras e respirava tranqüila, quase bela, quase mulher, quase homem”. (SALÚSTIO, p.15). No entanto, a insularidade apresentada em Serrano não é somente física é também afetiva, acontece no íntimo das personagens. De acordo com Reis (REIS, 1994), na narrativa literária (epopéia, romance, conto, etc.), como na narrativa cinematográfica, na telefonela, a personagem é normalmente o eixo em torno do qual gira a ação e em função do qual se organiza a economia do relato.

Nesta narrativa, Dina centraliza toda a ação numa personagem jovem que é conhecida por Louca de Serrano. O fio condutor da história perpassa em torno do que ela diz, faz ou sabe.

Nada se sabe sobre os afetos de cada um dos serranenses, mas contou-se que durante pelo menos cinco dias, eles olharam para a jovem e pensaram nela como se fosse uma parte deles, até que movidos não se sabe por que destino a repudiaram de novo,

não antes de terem decidido que ela passaria a chamar-se Louca de Serrano. (SALÚSTIO, p.19).

Salústio desconstrói estereótipos revelando subjetividades diferentes nas personagens. Entendemos por subjetividade, de acordo com Guattari:

Compreende uma produção incessante que acontece a partir dos encontros que vivemos com o outro. Nesse caso, outro pode ser compreendido como o outro social, mas também como a natureza, os acontecimentos, as invenções, enfim, aquilo que produz efeitos nos corpos e nas maneiras de viver. (Micropolítica: cartografias do desejo. Petrópolis: Vozes, 1996).

Uma dessas desconstruções feitas por Salústio é sobre a loucura, segundo o dicionário Aurélio, louco é aquele que perdeu a razão. Para Foucault:

O conceito de loucura não existiu sempre, mas sim começou a se estruturar a partir do momento em que se criou a distância entre razão e não razão. (2008)

Dina subverte esse conceito quando elabora uma louca que não possui patologia mental.

[...] Pedacos da vida da mulher que batizou Serrano, conhecedora de todos os segredos do vale, origem desta breve narração, chegando ao nosso conhecimento através de processos que juramentos obrigam a calar, uma jovem que não encontrou homem, mulher, bandido ou animal que fosse, que a tivesse chamado filha, que a tivesse feito mulher e por isso, para se vingar, amaldiçoava as criaturas do lugar que, por cumplicidade, tinham torcido o seu destino e a conheciam por Louca de Serrano. Ciclicamente, aparecia no povoado por artes desconhecidas, para desaparecer do mundo visível dos vivos quando completava os trinta e três anos e já tivesse visto tudo o que tinha para ver, e ouvido tudo o que queria ouvir. Depois voltava a aparecer, filha de gente nenhuma, de lugar e tempo nenhuns, criança, mulher. (p. 26).

A protagonista da história de Serrano é enigmática, misteriosa, possui comportamentos e atitudes estranhos e não é aceita pelos serranenses, vivendo afastada da comunidade. No entanto, ela conhece todos os segredos, os medos, os sonhos escondidos das serranas, a origem da sua própria maldição e a da aldeia, só ela consegue interpretar os fenômenos que ocorrem na montanha.

Filipa, par ou duplo (?) da protagonista, é a personagem principal da outra parte da narrativa. Dina cria uma narrativa que se desdobra em dois planos: aldeia (Serrano) e a cidade, a primeira representa a tradição e a segunda a modernidade.

Essa dualidade, tradição e modernidade é vivenciada na cultura africana no período pós-colonial, segundo Mata, este pressupõe uma nova visão da sociedade que reflete sobre a sua própria condição periférica, adaptando-se à lógica de abertura de novos espaços. E os significantes desses (novos) espaços apontam tanto para novas corporizações e legitimidades socioculturais como para um compromisso na adaptação da tradição às exigências de um mundo cujos mecanismos de regulação ultrapassam os limites dos sujeitos dessa tradição.

A palavra país não lhes dizia nada e, no seu modo de pensar, os homens que os obrigaram a dar um nome à sua terra eram tão estrangeiros como as gentes que possivelmente moravam no outro lado do mundo. Não tinham nada em comum e, mesmo a língua, eles não a compreendiam muito bem e continuavam a pensar que para todos os efeitos, quanto mais afastados se mantivessem de outros povos tanto melhor para o sossego do seu pedaço de chão. (SALÚSTIO, p. 21).

Assim, pode pensar-se que uma das marcas desse gesto de abertura de novos espaços, portanto, da condição pós-colonial, é tanto a recusa das instituições e significações do colonialismo como das que saíram dos regimes do pós-independência. Serrano e seus camponeses rejeitavam os estrangeiros.

Filipa é psicanalisada, empresária, vive na capital, no ano de 1994, possui trinta e três anos como a louca. E apesar da rotina agitada na capital, estabelece um contraponto com o passado em Serrano durante toda a narrativa.

Desconhece a sua família de origem, pelo fato de ter sido abandonada pela mãe sem memória (a rebelde fotógrafa Genoveva San Martin ou Gen, que aparece repentinamente em Serrano após ter sofrido um acidente), Filipa busca na infância com o pai adotivo a sua referência afetiva. Jerônimo, apaixonara-se pela fotógrafa grávida, sem ao menos saber seu nome, nomeia-a de Fernanda e cuida do seu bebê:

[...] Como se tinha habituado durante a gravidez a ir para junto da fonte, continuou a ir lá, sozinha, absolutamente dominada pelos pensamentos, sem lucidez para os decifrar e captar o que a envolvia, levando pessoas do povoado a concluírem que ela não funcionava bem da cabeça, igual à Louca de Serrano com quem parecia dar-se bem. (SALÚSTIO, p.77).

Após a partida de Gen-Fernanda para a capital (quando é descoberta pelos San Martin), Filipa permanece na aldeia com Jerônimo, escondida da família materna, até os sete anos. E a mãe, submetida a tratamento médico, não se lembra que tivera uma filha, a avó não reconhece Filipa como neta (por ser filha de mãe solteira e de pai pobre e negro, falecido).

Expulsa da casa dos San Martin, a vida de Filipa vai ser entrecortada pela orientação de muitas madrastas.

O fio condutor da narrativa perpassa, também, pela busca da identidade empreendida por Filipa, do primeiro ao último capítulo da obra.

Outra personagem bastante enigmática nesse espaço insólito⁶ que é Serrano é a parteira.

Além de parteira e curandeira, competia à mulher da casa da porta grande e janela minúscula iniciar os jovens na vida sexual, com direito a posterior acompanhamento, o que ela fazia com a discrição de uma senhora e, pensava-se, com alguma altivez por saber que toda a aldeia, em algum momento, dependia dela e da qualidade superior das suas sagradas intervenções [...] (SALÚSTIO, p.12).

Ela é a mentora espiritual da aldeia e representa a tradição serranense. Quando da iniciação dos jovens na vida sexual ela se transforma em mulher mais jovem. Aconselha as mulheres e inclusive sugere que procurem ajuda sobre a infertilidade na vila vizinha, pois, mantém o segredo da infertilidade dos homens para manter a ordem social vigente, perpetuando a violência em que as mulheres são expostas.

Gremiana é uma das personagens que tenta transgredir a ordem vigente:

A única serrana que se rebelou contra a prática organizada na aldeia para diminuir o sofrimento das mulheres, apaziguar os humores dos seus homens, ou afagar o ego oculto das serranas, não se sabe bem, foi Gremiana que enfrentou a povoação inteira, num fim de tarde, quando o céu estava tão baixo que se podia sentir o bafo das nuvens de encontro à cara, depois de escutar Valentim, o homem com quem vivia desde os treze anos a gabar-se no bar que ele podia ter todos os filhos do mundo se a mulher não fosse defeituosa, acusando-a de falsa e desavergonhada [...] (SALÚSTIO, p. 64).

Ela nunca aceitou os conselhos da parteira e das mulheres mais velhas que, perante os maus tratos do marido, a aconselharam a procurar um farmacêutico na cidade vizinha.

[...] ela esqueceu a vergonha de mulher humilde, perdeu o medo às pancadas que viriam e às injúrias que iriam acontecer e gritou as verdades, todas elas, aos homens da região, a todos eles, que na mesma hora, juntos, marido, pai, irmãos, amigos, inimigos e parentes e os demais companheiros, velhos e novos, escorreitos e desarticulados, sóbrios e bêbados, correram atrás dela aos insultos e à paulada desde o largo da Casa da Luz, como era conhecida a casa da parteira, até à ribeira-rio onde

⁶ O insólito na Literatura nos remete ao mágico, ao fantástico e ao maravilhoso, por serem nessas categorias que o termo teve destaque ao longo da história literária, levando-nos a mundos estranhos e a acontecimentos fora da realidade. Esse tipo de literatura está marcada universalmente por clássicos como Dom Quixote, de Miguel de Cervantes; Cem Anos de Solidão, de Gabriel Garcia Márquez e pelos contos de fadas que acompanham a literatura há tempos. (SILVA, da Amanda)

as correntes eram mais bravas, gritando possessos que Gremiana era uma vagabunda desavergonhada de barriga oca. Vendo o seu orgulho de macho e o poder tão dolorosamente conquistado ameaçados de cair por terra, sem conseguirem esconder nos berros o medo que os diminuía, gritavam todo ódio que sentiam por Gremiana, afinal todo o ódio que sentiam por todas as mulheres de Serrano, por todas as mulheres do mundo. A parteira trancou a porta e amarrou uma corda preta na janela. (SALÚSTIO, p. 65).

Quando Dina cria personagens femininas que se apresentam fortes e frágeis, que vão na contramão da história estabelecida, a partir de seu cotidiano, elabora uma nova historicidade para a identidade nacional cabo-verdiana através da ficção.

E quando abordamos a identidade nacional, pensamos nos diversos conjuntos de representações simbólicas que os sujeitos se identificam e que podemos denominar nação.

E conforme Renan:

[...] nação é uma alma, um princípio espiritual. Duas coisas que para dizer a verdade não formam mais que uma constituem esta alma, este princípio espiritual. Uma está no passado, a outra no presente. Uma é a possessão em comum de um rico legado de lembranças; outra é o consentimento atual, o desejo de viver em conjunto, a vontade continuar a fazer valer a herança que receberam esses indivíduos. A nação, como o indivíduo, é o resultado de um longo processo de esforços, de sacrifícios e de devotamentos. O culto dos ancestrais é de todos o mais legítimo; os ancestrais nos fizeram o que nós somos. Ter glórias comuns no passado, uma vontade comum no presente; ter feito grandes coisas conjuntamente, querer fazer ainda, eis as condições essenciais para ser um povo. Amamos na proporção dos sacrifícios que consentimos, dos males que sofremos. (RENAN, 1997, p.12-43).

Se a nação, conforme Renan é um princípio espiritual que está no passado e no presente, assim como um rico legado de lembranças e também o desejo de viver em conjunto, por que deixar as mulheres à margem desse processo, por que silenciá-las nos seus anseios, desejos, particularidades e vivências?

A narrativa de Bernadina Salústio insere o cotidiano das mulheres cabo-verdianas num lugar de prestígio, facultando a elas o direito e a legitimidade através da ficção, sob a perspectiva feminina, de demonstrarem o quanto fizeram e fazem parte do legado de lembranças, do desejo de viver em conjunto, entre outros elementos simbólicos que delineiam uma nação e uma identidade cabo-verdiana.

Para Simone Caputo Gomes:

[...] a ficção de Dina Salústio põe em cena grandes mulheres, como Gremiana, a Louca, a parteira e tantas outras, com suas forças e fragilidades, tentando traduzir uma nova subjetividade e um novo modo de encarar o mundo. Mulheres fortes. Mulheres com paisagem ao mundo: Cabo Verde. (CAPUTO, 2000.).

3 A MEMÓRIA, A ESTRATÉGIA E A SUBJETIVIDADE

Esquece-se o deserto, a solidão e a sede,
E os homens e as mulheres milagrosamente
reinventam ilhas para além do mundo[...]

Dina Salústio

A palavra memória vem do grego *Mnemosyne*, uma deusa que presidia a função memorialística. O poço de *Mnemosyne* fazia os mortos, que dele bebiam, relembrar suas vidas, o oposto do poço de *Lethe*, que os fazia esquecer.

Esquecer e lembrar são elementos do mesmo processo, não podemos guardar na memória tudo que acontece no nosso dia a dia, precisamos ser seletivos e somente armazenar o que for essencial para tomada de decisões futuras.

Essa possibilidade de selecionar o que lembrar e o que esquecer pode ser usada como estratégia de manipulação por regimes totalitários, por uma classe em detrimento da outra, pelo patriarcalismo.

O pesquisador Jan Assmann, menciona o caso da Guerra da Bósnia, quando a artilharia sérvia destruiu a Biblioteca de Sarajevo na tentativa de minar a memória dos bósnios e de minorias da região. Segundo ele, o objetivo era fazer da cultura uma tábua rasa para que fosse possível começar do zero uma nova identidade sérvia. (IEA – Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo - online).

Essa foi a estratégia do regime totalitário para destruir o passado, porque se a gente controla o presente, a gente controla o passado, e se a gente controla o passado, a gente controla o futuro, ainda segundo Assmann.

Sob essa perspectiva, pensamos o lugar da escrita de autoria feminina no cânone literário brasileiro e cabo-verdiano, quando as escritoras não figuram nas coletâneas literárias dos seus países, tendo suas obras silenciadas ou descaracterizadas como objeto literário.

Esta obliteração da escrita de autoria feminina é uma estratégia para não equidade com os escritores masculinos. Também um reflexo da sociedade patriarcal como meio de se

perpetuar no controle e manter as mulheres no espaço privado, submissas e com papéis definidos: mães e esposas.

Dessa forma, a escrita feminina utilizou uma estratégia de resistência para rasurar a “memória” concebida até então. Inserindo na Literatura, sujeitos/personagens femininos que ocupam diversos espaços na sociedade, tanto na esfera pública quanto na privada.

Carolina em *Quarto de Despejo* e Dina com *Louca de Serrano* elaboram personagens masculinos e femininos que se constroem nas exigências do dia a dia, no contato, nos acontecimentos, nas possibilidades de encontros uns com os outros.

Personagens que a partir desses encontros encontram maneiras de existências, formas diferenciadas de perceber o mundo e nele agir.

“Passei a tarde escrevendo. Lavei todas as roupas. Hoje estou alegre.” (JESUS, p. 167).

“Filipa sentiu necessidade de frio, de temporal, de ribeira a correr, de uma fonte a cantar, de algo que definitivamente a tirasse da maldição de viver cada dia olhando para o dia que findava.” (SALÚSTIO, p.211).

3.1 A escrita de autoria feminina como estratégia de resistência

Os políticos sabem que eu sou poetisa.

E que o poeta enfrenta a morte
quando vê o seu povo oprimido.

Carolina

[...] nunca se aperceberam
que os outros viventes
se tinham coberto de imaginação
e andavam vivos, procurando
novas formas de existência

Dina

Enfrentamento, novas formas de existência são exemplos de estratégias de resistência ao poder estabelecido, ao governo.

Este termo governo é utilizado por Foucault para designar a maneira de moldar, guiar, dirigir a conduta dos indivíduos ou dos grupos: governo das crianças, das almas, das comunidades, das famílias, dos doentes, dos loucos, das mulheres. Portanto, não é empregado por Foucault exclusivamente no mesmo sentido que adquire na modernidade – o de gestão e de administração dos Estados –, mas apóia-se na significação que o termo governo tinha no século XVI, qual seja: um modo de “estruturar o eventual campo de ação dos outros”, como a “conduta da conduta” (BAMPI, 2002, p.7)

De acordo com Aurélio⁷, estratégia é a arte de aplicar os meios disponíveis ou explorar condições favoráveis com vista a objetivos específicos. Ampliando esse conceito, Foucault compreende por estratégia as escolhas dos meios para obter um fim, os modos mais eficazes de levar vantagem sobre outro ou outros, e a designação dos procedimentos necessários para alcançar o fim desejado. (SEIXAS, 2011, p. 75).

Dessas perspectivas, pode-se pensar que estratégias foram utilizadas pelo “governo” para excluir ou silenciar e estereotipar a mulher como personagem e como escritora na literatura brasileira e na literatura cabo-verdiana.

Uma das mais intensas estratégias utilizadas para excluir a mulher da esfera pública, vetando-a de assumir cargos de prestígio, funções sociais elevadas e autônomas foi o patriarcalismo.

Pelo menos até meados do século XIX, o Brasil era uma sociedade rigidamente hierárquica, aglutinada por vínculos de parentesco e clientelismo. Sua economia de exportação (com os surtos sucessivos do açúcar, ouro e diamantes, borracha e café – e, em menor medida, do algodão e do cacau) dava todo o poder aos grandes fazendeiros, patriarcas rurais cujo controle da terra, da mão-de-obra, dos mercados e do capital lhes garantia plena hegemonia política, bem como autoridade quase absoluta sobre suas extensas famílias. Coexistindo com as famílias patriarcais extensas (e dentro delas), havia as famílias nucleares menores, dos menos prósperos, bem como as uniões consensuais e as famílias chefiadas por mulheres da população pobre e escrava. Para estas, a sobrevivência – dadas a ausência de

⁷ FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. O dicionário da língua portuguesa, 7. Edição, Curitiba: Ed. Positivo, 2008.

qualquer autoridade política central efetiva, a economia precária e limitada e a carência total de serviços sociais – exigia em geral a aliança com uma família extensa e poderosa (ou parentela). Em troca de proteção, segurança econômica e favores, os potentados fundiários exigiam lealdade, obediência e prestação de serviços dos que deles dependiam, quer fossem parentes, afilhados, amigos necessitados, concubinas, empregados, arrendatários, trabalhadores livres ou escravos, bem como de suas próprias esposas e filhos.

O patriarcalismo cabo-verdiano, segundo (QUEIROZ, 2010, p.53) enquanto um conjunto de normas advindas do colonialismo e elaboradas por homens, europeus, brancos, católicos, vem calcado em práticas autoritárias que excluía certos grupos sociais do seu centro de interesse. Os negros, os homossexuais e as mulheres ameaçavam a ordem das leis, tendo, portanto, seus valores minimizados pela sociedade.

Segundo dados da História Geral de Cabo Verde (MONTEIRO, p. 8, 2014), desde o princípio da colonização, as mulheres brancas e casadas viviam completamente dependentes dos seus maridos. Referências a estas mulheres só apareciam registradas em heranças de bens ou testamentos, cabendo somente às viúvas a administração dos seus bens, isso no caso de não possuírem filhos, jamais às mulheres solteiras ou casadas. Por serem majoritariamente escravas, as mulheres negras e mulatas não gozavam de nenhum direito, estando relegadas à procriação do homem branco.

Para CARREIRA (1984, p.146):

[...] a estrutura familiar cabo-verdiana na época refletia as características reproduzidas pelo forte envolvimento de homens europeus de estratos sociais diferentes com as mulheres de origem africana, pois os homens europeus que paravam nas ilhas eram, na sua maioria, homens brancos, desacompanhados das suas esposas, raramente traziam-nas para se estabelecerem em Cabo Verde. Contudo, o mesmo autor realça que a presença da mulher branca nas ilhas nunca criou embaraço para o homem europeu manter relações com uma ou mais mulheres negras em simultâneo.

Dentro desse contexto de forçar a submissão da mulher, o patriarcalismo, entre outras estratégias e práticas de dominação, naturalizou uma ideia de cultura sexual.

A sexualidade, nas sociedades patriarcais, é centrada no prazer masculino, o que gera representações do corpo feminino como “maleável, instrumental e descartável”. (QUEIROZ, 2010, p.51).

Na narrativa, *Quarto de Despejo: Diário de uma favelada*, Carolina (personagem-autor) configura-se como um “corpo indócil”. Não aceitava “governo” de ninguém e nem de

instituição nenhuma, por isso, aliás, que não se casou e tão pouco se submeteu a imprensa que exigia dela um comportamento manso e submisso. Segundo LEVINE e MEIHY (1994, p. 45):

A Carolina descrita nos obituários é um personagem dilemático e que revela a crueza com que foi tratada pela mídia, que gostaria de tê-la visto transformada em uma figura dócil, educada, membro da classe média, ainda que fosse constantemente hostilizada quer pela vizinhança de Santana quer pela comunidade pobre do Canindé. Parece que não havia lugar para Carolina.

E ainda conforme MAGNABOSCO (2003, p. 87) mesmo tendo tido três filhos de pais diferentes foi uma mulher sem marido, sem dono e fugia das fixações ao optar por ficar sem companheiro. Seu nervosismo – uma das representações modernas da mulher histérica e muito presente em suas escritas, principalmente em *Quarto de Despejo* – se fez presente todas as vezes que se deparou com tentativas de fixações do capitalismo e do patriarcalismo sobre o feminino, como por exemplo, quando a sociedade dizia que uma mulher sozinha não produz, não gera capital, por ser este um papel e espaço do masculino.

Na narrativa *A Louca de Serrano* que o protagonismo se divide entre as personagens: Louca na aldeia Serrano e Filipa na Cidade, o corpo de ambas representa uma transgressão ao “governo”.

Por breves instantes lembrou-se da Louca de Serrano que morria aos trinta e três anos para voltar a nascer, em sítio e data incertos, acabando por regressar tempos depois ao vale, quando ninguém a esperava.
E o tempo dela? Estava com quase trinta e três anos e merecia aquele dia porque esperara demasiado e por ele estava hipotecada até o último fio de esperança. (SALÚSTIO, 2001, p.33)

As personagens são marcadas por instâncias urdidadas por renovações e vivências e, por rejeitarem um papel definido pelo patriarcalismo, constituem como Carolina, corpos indóceis.

Essas renovações são marcadas pela idade das personagens, idade que faz referência bíblica à morte e à ressurreição de Jesus Cristo – 33 anos. E o número 33 é considerado por pesquisadores e espiritualistas um número cabalístico. São atribuídas a ele inúmeras representações e simbologias. Alexandre, o Grande morreu aos 33 anos, o Rei Davi reinou durante 33 anos em Jerusalém, Jacob tinha 33 filhos, são 33 os deuses védicos também são 33 os ciclos lunares da gestação. 33 é o grau máximo da maçonaria, na biologia, 33 são as voltas sequenciais que formam o DNA e 33 é um número do arsênio, poderoso veneno, além de que

os humanos possuem 33 vértebras e a menor partícula da física quântica é medida por 10 elevado a -33.

Este número representando a idade das personagens simboliza morte, ressurreição e ascensão. A personagem Louca completa um ciclo de vivência “quando completava os trinta e três anos e já tivesse visto tudo o que tinha para ver, e ouvido tudo o que queria ouvir. Depois voltava a aparecer, filha de gente nenhuma, de lugar e tempo nenhuns, criança, mulher”. (p. 26)

E Filipa prestes a completar 33 anos esperava reunir toda a sua família no réveillon de 1994, “precisava reaver Jerônimo e conhecer todas as pessoas que passaram por ela, não porque se sentisse amargurada com as ausências [...] ela precisava se libertar deles e dar início a outros ciclos da vida” (p.189).

Dentro desse contexto androcêntrico o papel definido para a mulher era de integral submissão, sendo esposa e/ou mãe e Vênus reverenciada.

A urbanização do final do século XIX aumentou drasticamente as oportunidades de investimento, emprego, mobilidade social e mobilização política – oportunidades que, por sua vez, fomentaram transformações na consciência e gradativamente afrouxaram as relações sociais patriarcais tradicionais.

Em meados da década de 1910, dezenas de anos de desgaste do poder patriarcal já haviam tornado obsoletas a organização tradicional da família da elite e as definições de gênero. Como instituições extra familiares haviam assumido muitas das funções da família patriarcal extensa, esta foi sendo gradualmente substituída pelo modelo da família nuclear burguesa urbana.

E como a economia de mercado em rápida expansão havia solapado progressivamente os papéis produtivos das mulheres dentro da família, as mulheres das classes média e alta ingressaram na esfera pública em grande variedade de novos papéis. Embora a vida das mulheres urbanas pobres não mudasse na mesma proporção, a questão social e a questão da mulher convergiam, refletindo a intensificação do conflito de classes.

De acordo com Monteiro (2013, p. 155) a diversidade das dinâmicas familiares em Cabo Verde tem sido ultimamente objeto de vários estudos no domínio das ciências sociais. Lopes Filho (1996, p.74) refere que não se pode dizer que existe um só tipo de família que caracteriza a sociedade cabo-verdiana, que, ao contrário, existe uma multiplicidade de formas de vida familiar podendo em alguns casos ou circunstâncias ter uma predominância de um tipo familiar, mas que não se pode generalizar a partir de um modelo padrão.

E ainda segundo Monteiro, devido a influência sofrida das duas partes que a compõem, isto é, a mistura de homens brancos europeus com as mulheres negras escravas trazidas do continente africano, na sociedade cabo-verdiana se encontram não somente uma forma de organização familiar, mas várias formas de organizações familiares, algumas mais próximas do continente europeu e outras que mais se identificam com o continente africano.

Num estudo recente, Gomes (2011) situa a poligamia informal em Cabo Verde como uma forma de violência simbólica contra as mulheres por estas muitas vezes serem obrigadas a aceitar tal situação em função da precária situação econômica para a manutenção da família. Neste sentido, a autora aponta que o reduzido número de mulheres nas instâncias de poder também é resultado dessa cultura patriarcal que determinou que a mulher está naturalmente concebida para se ocupar essencialmente da família e das tarefas domésticas e os homens facultados e capacitados para representarem os interesses da família e da sociedade.

Gradativamente as mulheres cabo-verdianas foram ocupando seus espaços fora do ambiente doméstico e ocupando outras esferas públicas e sociais. Entre 1963 e 1974, conforme o INE (Instituto Nacional de Estatística) as mulheres participam na luta de libertação e realizam as mais diversas atividades: garantem o funcionamento dos jardins infantis, das escolas, dos hospitais, dos serviços logísticos e burocráticos e o trabalho no setor das telecomunicações: emissões da Rádio "Voz de Libertação", divulgação das informações escritas. Em 1980, a primeira Constituição da República estabelece, no artigo 25º, a igualdade de todos os cidadãos perante a lei, sem distinção de sexo, nível social, intelectual ou cultural, crença religiosa ou convicção filosófica.

Dessa forma, as mulheres brasileiras e cabo-verdianas foram assumindo outros papéis nas sociedades patriarcais, à medida que foram lutando por seus direitos e através dessa luta estabelecendo um pouco de equidade. Nesse percurso, a escrita de autoria feminina foi preponderante como estratégia de resistência e empoderamento feminino.

Onde há poder, há resistência. Não existe, com respeito ao poder, um lugar da grande recusa - alma de revolta, foco de todas as rebeliões, lei pura do revolucionário. Mas sim resistência, no plural, que são casos únicos: possíveis, necessárias, improváveis, espontâneas, selvagens, solitárias, planejadas, arrastadas, violentas, irreconciliáveis, prontas ao compromisso, interessadas ou fadadas ao sacrifício. E é certamente a codificação estratégica desses pontos de resistência que torna possível uma revolução, um pouco à maneira do Estado que repousa sobre a integração institucional das relações de poder. (FOUCAULT, 2005b, p. 91).

A literatura é vista como um dos elementos de construção do pensamento social, já que almeja uma direção para os verdadeiros valores da nacionalidade, ao evidenciar crenças e percepções pessoais, possibilitando que os seres humanos possam refletir no seu modo de ver a vida e de estar no mundo. Entretanto, apesar de ser considerada ficção por muitos, esta demonstra o cotidiano da humanidade dentro de um contexto temporal e espacial, consagrando-se, ao mesmo tempo, como indicadora de estruturas. Portanto, por ser um dos instrumentos de construção teórico-metodológica da interpretação da realidade, isto é, tudo o que existe de maneira perceptível ou não, a literatura por meio de sua textualidade, ajuda a compreender a constituição da vida intelectual e da sociedade pertencente a um determinado momento histórico. (SANTOS, p.8, 2013)

Já que o cânone literário cabo-verdiano e brasileiro constituiu-se ao longo do tempo sob a perspectiva colonial e patriarcalista, excluindo a escrita de autoria feminina e descrevendo as personagens femininas estereotipadas, Carolina Maria de Jesus e Dina Salústio elaboram personagens que apresentam fragilidades, mas, sobretudo se apresentam como responsáveis pelos seus corpos, deixam de ser objetos para serem sujeitos da sua história.

E muitas foram as estratégias de resistência que o universo feminino encontrou para superar o poderio masculino, principalmente as escritoras, através da sua tessitura.

3.2 Criando novas subjetividades

Carolina, preciso te encontrar
 Carolina, me sinto muito só
 Carolina, preciso te dizer
 Ô Carolina eu só quero amar você
 Carolina, Carolina, Carolina...
Seu Jorge

As relações sociais de gênero foram construídas no ocidente, citamos Brasil e Cabo Verde especialmente, com pensamentos na supremacia do masculino em detrimento do

universo feminino. De acordo com Liane Schneider (2000), foram consolidadas a partir da instauração do sistema de gênero na sociedade ocidental, o que acarretou o surgimento da figura da mulher marginalizada em um contexto centralizado no sujeito masculino.

Desse modo o sistema colonial e patriarcal apresenta o sujeito masculino a partir de uma posição não de equivalência ao sujeito feminino, apresenta-o sempre de forma mais positiva e independente. Essa perspectiva excluiu as mulheres da esfera social e pública, restringindo-as ao privado, ao trabalho doméstico e aos papéis de mães e esposas. Salientando a exclusão e o silenciamento da escrita de autoria feminina.

Com os estudos culturais de gênero desenvolvidos após meados do século XX, foi possível constatar que a masculinidade e a feminilidade constroem-se socialmente, ocorrendo uma nova percepção a respeito de atribuições devidas a sujeitos masculinos e sujeitos femininos no meio social. (SANTOS, 2014, p.2).

Partindo desse pressuposto, recorreremos a (Guattari & Rolnik, 1996, p. 31) “a subjetividade é essencialmente fabricada e modelada no registro do social” e ainda segundo este autor a “[...] subjetividade não é passível de totalização ou de centralização no indivíduo” Já, de início, o autor esclarece que a subjetividade não implica uma posse, mas uma produção incessante que acontece a partir dos encontros que vivemos com o outro. Nesse caso, o outro pode ser compreendido como o outro social, mas também como a natureza, os acontecimentos, as invenções, enfim, aquilo que produz efeitos nos corpos e nas maneiras de viver. Tais efeitos difundem-se por meio de múltiplos componentes de subjetividade que estão em circulação no campo social.

Sendo assim, na necessidade de superar os limites impostos pelos modelos colonialistas e patriarcalistas de opressão e submissão e subverter o ponto de vista dominante, a mulher conquistou o seu espaço, nos mais variados setores da sociedade. Desse modo, empreender o enfrentamento do mundo permitiu à mulher constituir-se sujeito da própria história e tornar-se responsável pelas implicações que advêm dessa inserção. (SANTOS, 2014, p.3).

Nesse contexto, a escrita de autoria feminina põe em cena personagens que representam a mulher em todos os aspectos e esferas, tanto público quanto privado. De acordo com Luiza Lobo (2011, p.4):

[...] a literatura de autoria feminina precisa criar, politicamente, um espaço próprio dentro do universo da literatura mundial mais ampla, em que a mulher expresse a sua sensibilidade a partir de um ponto de vista e de um sujeito de representação

próprios, que sempre constituem um olhar da diferença. A temática que daí surge será tanto mais afetiva, delicada, sutil, reservada, frágil ou doméstica quanto retratará as vivências da mulher no seu dia-a-dia, se for esta sua vivência. Mas o cânone da literatura de autoria feminina se modificará muito se a mulher retratar vivências resultantes não de reclusão ou repressão, mas sim a partir de uma vida de sua livre escolha, com uma temática, por exemplo, que se afaste das atividades tradicionalmente consideradas "domésticas" e "femininas" e ainda de outros estereótipos do "feminino", herdados pela história, voltando-se para outros assuntos habitualmente não associados à mulher até hoje.

Sob esse aspecto, nas narrativas aqui estudadas, figuram personagens protagonistas ou não, que delineiam sujeitos que transcendem os papéis preestabelecidos tanto no colonialismo quanto no patriarcalismo.

Segundo HALL (2001, p.9), essa transgressão refere-se à mudança estrutural ocorrida nas sociedades modernas do século XX. Fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais.

Estas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando a ideia que temos de nós próprios como sujeitos integrados. Esta perda de “um sentido de si” estável, ainda segundo o teórico, é chamada, algumas vezes, de deslocamento ou descentração do sujeito. Esse duplo deslocamento – descentração dos indivíduos tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos – constitui uma “crise de identidade” para o indivíduo.

Indivíduo este que no Iluminismo estava baseado numa concepção da pessoa humana como um sujeito totalmente centrado, unificado, dotado das capacidades de razão, de consciência e de ação, cujo centro consistia num núcleo interior, que emergia pela primeira vez quando o sujeito nascia e com ele se desenvolvia. O centro essencial do eu era a identidade de uma pessoa, na verdade a identidade dele, já que o sujeito do Iluminismo era usualmente descrito como masculino.

Mais tarde este sujeito recebeu a noção de sujeito sociológico e refletia a crescente complexidade do mundo moderno e a consciência de que este núcleo interior do sujeito não era autônomo e auto-suficiente, mas era formado na relação com “outras pessoas importantes para ele” que mediavam para o sujeito os valores, sentido e símbolos – a cultura – dos mundos que ele/ela habitava.

Neste conceito o sujeito ainda tem um núcleo ou essência interior que é o “eu real”, mas este é formado e modificado num diálogo contínuo com os mundos culturais “exteriores” e as identidades que esses mundos oferecem.

Argumenta-se, entretanto, que são exatamente essas coisas que estão mudando. O sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não resolvidas.

Para HALL (1987), esse processo produz o sujeito pós-moderno, conceituado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente. A identidade torna-se uma celebração móvel, formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam, definida historicamente e não biologicamente.

Se a história e a concepção do sujeito foram mudando ao longo do tempo, de sujeito cartesiano para um sujeito descentrado ou em deslocamento, a esse processo deve-se uma série de rupturas nos discursos do conhecimento moderno ou das grandes narrativas.

Uma dessas rupturas foi o movimento feminista e o seu impacto, tanto como crítica teórica quanto como um movimento social.

O feminismo faz parte daquele grupo de “novos movimentos sociais,” que emergiram durante os anos sessenta, juntamente com as revoltas estudantis, os movimentos juvenis, contraculturais e antibelicistas, as lutas pelos direitos civis, entre outros.

E segundo HALL (2001, p. 45) o feminismo teve uma relação mais direta com o descentramento conceitual do sujeito cartesiano e sociológico, pois ele questionou o dentro e o fora, o privado e o público. Abriu para a contestação política, arenas inteiramente novas de vida social: a família, a sexualidade, o trabalho doméstico, a divisão doméstica do trabalho, o cuidado com as crianças. E ainda segundo o teórico, enfatizou, como uma questão político e social, o tema da forma como somos formados e produzidos como sujeitos generificados. Isto é, o feminismo politizou a subjetividade, a identidade e o processo de identificação como (homens/mulheres, pais/mães, filhos/filhas).

A narrativa *Quarto de Despejo* apresenta uma personagem centrada na transgressão dos papéis e modelos estabelecidos pelo patriarcalismo. Segundo Bourdieu:

“Não sendo um ser-percebido pelo masculino, a mulher é como um vampiro, ou seja, um ser sem reflexo, sem outras referências de si por depender exclusivamente do olhar constituinte do masculino para saber-se”. (1999).

Fruto de uma sociedade castradora, falocêntrica, colonialista e escravocrata, patriarcalista, centrada no provedor e protetor, Carolina é uma personagem que se espelha na sua consciência, no seu poder de decisão. Ela vai construindo a sua história a partir das vivências do seu cotidiano, emitindo juízo de valor sobre os fatos ao seu redor, análises e críticas. Carolina é uma mulher que se pensa, que se sabe.

“Dizem que o Brasil já foi bom. Mas eu não sou da época do Brasil bom... Hoje eu fui me olhar no espelho. Fiquei horrorizada. O meu rosto é quase igual ao da minha saudosa mãe. E estou sem dente, magra”. (JESUS, 1993, p.153).

Esta personagem constitui-se ao longo da narrativa em deslocamento físico e afetivo. Deixa o interior de Minas Gerais, Sacramento – cidade onde foi hostilizada por aprender a ler, por ser filha bastarda e negra. Chega a São Paulo sozinha, cria seus filhos e é responsável por prover e proteger a sua família, portanto é pai e mãe. Assim como em Sacramento é também hostilizada pelos moradores da favela onde ela mesma constrói seu barraco e vai morar. Uma das poucas que sabia ler, escrever e não dependia de homem nenhum.

Em uma sociedade com ranços machistas, a mulher só é, só existe, se for casada, irmã, filha, afilhada ou sobrinha de algum homem. Se não amparada por uma dessas alcunhas, marido, irmão, pai, padrinho ou tio, a mulher não poderia ser sujeito da sua história, mas Carolina foi.

Uma estrangeira, quando em Sacramento acusada de bruxa, quando em São Paulo, louca, ousou transcender espaços outros não destinados às mulheres: catadora de papel, escritora, leitora, mãe solteira de três filhos, cidadã indignada com a situação das mulheres na favela e a situação do país.

Tendo tido tantas rupturas na formação de sua subjetividade, as quais foram originadas na rigidez das construções sócio-culturais e simbólicas de um país em desenvolvimento, onde pobre, mulher, negra, escritora e demais subalternas não têm vez, a sensibilidade presente, anunciada e enunciada através de seu nervosismo (sensibilidade essa advinda do cerceamento que viveu e que a fez desenvolver uma habilidade para perceber detalhes considerados “naturais do modernismo”) (MAGNABOSCO, p. 90).

Nesse contexto, a personagem Carolina foi burlando, rasurando e criando novas vivências nos encontros e desencontros ao longo da sua trajetória.

Dina Salústio, na narrativa *A Louca de Serrano*, também engendra personagens que transgridem os espaços físicos e afetivos estabelecidos pelo patriarcalismo e pelo colonialismo.

Além do fato de narrar à origem de Serrano “[...] uma velha mulher, gigante de pedra atirada ao mar.” A narradora faz uma descrição personificada da ilha:

“Serrano abraçava-se sobre si mesma, deixava-se perder no entrelaçar das árvores e das pedras e respirava tranqüila, quase bela, quase mulher, quase homem”. (SALÚSTIO, 2001,p.15).

Dessa forma, a ilha é um elemento que interfere bastante nas vivências dos cidadãos serranenses.

Um dia, a jovem louca sentindo-se perseguida por uns garotos que a apedrejavam e não tendo como se defender parou no meio do largo e, olhando para a montanha, gritou que Serrano não tinha sangue. Mal completou a frase a terra tremeu tão forte que por pouco a aldeia não perdia as raízes.(SALÚSTIO, p.15).

A louca, protagonista primeira da história, porque há o seu duplo, Filipa que é apresentada posteriormente, possui uma relação muito estreita com o espaço físico de Serrano. Além desse episódio da montanha, foi ela que nomeou a ilha.

[...] falou e disse que o lugar se chamava Serrano. A palavra que se ouvia pela primeira vez vibrou poderosa na cabeça dos camponeses que levaram as mãos ao peito, onde o sangue bate mais forte, e por largas horas, a montanha, as serras, o vento, a ribeira, e os animais da terra, do ar e das águas, as folhas das árvores, as fontes e a fonte repetiram Serrano para que o nome da povoação ficasse gravado em tudo que tivesse vida igualmente em tudo que não a tivesse. (SALÚSTIO, p.19).

Muitas eram as formas de existências dos sujeitos serranenses. A Louca que ninguém sabia a sua origem, aparecia na aldeia ainda menina e vivia diversas vidas de sofrimento e repúdio até se libertar da maldição a que estava destinada. E que não possuía patologia de doença mental. Ela tinha o poder de prever o futuro, e dizia aos aldeões que a aldeia tinha sido amaldiçoada e que um dia todos seriam engolidos pelas águas.

Também pelas águas foi engolida a personagem Greminiana. Sua maldição foi não seguir a submissão das mulheres de Serrano às leis e às tradições machistas, escondendo o

desejo que tinham de mudar as suas vidas longe de Serrano onde apenas lhes cabia a responsabilidade de ficarem grávidas para comprovar a virilidade dos machos.

Os homens de Serrano eram estéreis e, segundo eles, as mulheres é que podiam falhar na procriação, porque os machos, estes, nada tinham a ver com tal tarefa e bastava ver o mecanismo visível da sua sexualidade. Para eles a terra é que pode ser fértil ou não e terra eram as fêmeas e os seus úteros que às vezes não passavam de terra seca.

Um dia, Greminiana ouviu Valentim dizendo no bar com outros homens que podia ter todos os filhos do mundo se a mulher não fosse defeituosa, acusando-a de falsa e desavergonhada por se revoltar como fêmea em cio e nunca mencionar o desejo de ser mãe.

[...] ela esqueceu a vergonha de mulher humilde, perdeu o medo às pancadas que viriam e às injúrias que iriam acontecer e gritou as verdades, todas elas, aos homens da região, a todos eles, que na mesma hora, juntos, marido, pai, irmãos, amigos, inimigos e parentes e os demais companheiros, velhos e novos, escorregados e desarticulados, sóbrios e bêbados, correram atrás dela aos insultos e à paulada desde o largo da Casa da Luz, até ao rio onde as correntes eram mais fortes, gritando que Greminiana era uma vagabunda desavergonhada de barriga oca. (SALÚSTIO, p.65).

E assim Greminiana foi atirada às águas e engolida pela correnteza e massacrada pelas pedras.

E há ainda Filipa, a estrangeira. Personagem que não é aceita pelos serranenses por não ter nascido na aldeia. Ela é repudiada e hostilizada por todos, menos pela Louca, com quem mantém uma cumplicidade muito intensa. Filipa é a outra protagonista da narrativa que vive na cidade, o duplo da Louca. Que se desloca afetivamente no tempo entre a sua infância e a fase adulta, entre Serrano e a cidade.

[...]encontrava-se com a Louca de Serrano que a acalmava e lhe passava a história da aldeia e as histórias de todos os serranenses do mundo, nivelados e amaldiçoados pela burrice”. (SALÚSTIO, p. 98).

Dessa forma, tanto *Quarto de Despejo: Diário de uma favelada*, quanto *A Louca de Serrano*, apresentam textos, tessituras, em que os personagens são sujeitos que não estão prontos, constituem-se nos dados da experiência, no contato com os acontecimentos, nos encontros vividos com o outro. E como salienta Deleuze “E, olhando bem, isso é tão-só uma outra maneira de dizer: o sujeito se constitui no dado”. (DELEUZE, 2001, p. 118).

E nesse processo, esses personagens foram criando mecanismos, estratégias, lutas e maneiras de existir e resistir, a partir dos efeitos causados pelos contatos com o outro e elaborando modos de subjetivação que para Foucault:

[. . .] contra as formas de dominação (étnica, social e religiosa); contra as formas de exploração que separam os indivíduos daquilo que eles produzem; ou contra aquilo que liga o indivíduo a si mesmo e o submete, deste modo, aos outros (lutas contra a sujeição, contra as formas de subjetivação e submissão). (FOUCAULT, In: DREYFUS ; RABINOW, 1995, p. 235).

Portanto, Carolina e Dina constituem narrativas apresentando sujeitos/personagens/mulheres que constroem a sua história, são agenciadoras das suas trajetórias e responsáveis pelas suas escolhas. São referências nas possibilidades de inventar e experimentar maneiras diferentes de perceber o mundo e de nele agir. Carolina, a Louca, Filipa, Greminiana, criam novas vivências, novas subjetividades.

3.3 O que é a memória?

Mas os rumores eram em voz muito baixa
e os ditos tornaram-se de tal modo débeis
que possíveis pedaços importantes do fio
que cosiam a história acabaram
por desfazer-se na mente [...]

Dina Salústio

À primeira vista, a memória parece uma coisa inerte, presa ao passado — a lembrança de algo que aconteceu e ficou parado no tempo. Mas um olhar mais cuidadoso revela que a memória é dinâmica e conecta as três dimensões temporais: ao ser evocada no presente, remete ao passado, mas sempre tendo em vista o futuro (Assmann⁸).

⁸ <http://www.iea.usp.br/noticias/memoria-cultural>

Acrescenta-se ainda, a esse aspecto dinâmico da memória, a distinção entre dois tipos de memória: a comunicativa, relacionada à transmissão difusa de lembranças no cotidiano, através da oralidade; e a memória cultural, referente a lembranças objetivadas e institucionalizadas, que podem ser armazenadas, repassadas e reincorporadas ao longo das gerações.

Compreende a memória cultural heranças simbólicas materializadas em textos, ritos, monumentos, celebrações, objetos, escrituras sagradas e outros suportes mnemônicos que funcionam como gatilhos para acionar significados associados ao que passou. Além disso, remonta ao tempo mítico das origens, cristaliza experiências coletivas do passado e pode perdurar por milênios. (ASSMANN).

Carolina, a narradora – personagem de *Quarto de Despejo*, um dos objetos desse estudo, utiliza-se da memória, que, materializada em texto – um diário, para criar um entre – lugar e subsistir num interstício.

A escrita do diário faz com que a escritora se coloque numa posição de sujeito que observa, analisa e interpreta, a partir de um lugar entre o espaço físico que a escritura se dá e a materialidade do texto.

A partir dessa perspectiva e desse lugar de sujeito observador e crítico, Carolina registra o seu cotidiano, instaura uma nova realidade, um entre - lugar. Dialoga com o passado e entrevê um futuro de possibilidades melhores. Segundo Moisés (2002): “Porque, se você percebe que o mundo está desordenado, ou você denuncia, ou a desordem continua”.

E é também pelo viés memorialístico que Salústio tece *A Louca de Serrano*, narrativa que possui como fio condutor a memória. A escritora nos apresenta personagens que permeiam suas trajetórias entre o esquecer e o lembrar. Essa articulação na tessitura do texto concede à narrativa, assim como o diário a caracterização de uma herança simbólica.

Salústio elabora Filipa, protagonista cuja memória transita entre as lembranças da infância na aldeia de Serrano e o presente como adulta, na cidade. Espaços onde a narrativa se desdobra.

Apesar da sua vivência tumultuada onde o futuro lhe parecia sempre ameaçado por não ter nunca certezas no campo em que se movia [...] cansada, reconhecia que durante toda a sua vida teve mais medo do que pudesse chegar do passado do que do futuro e lembrou-se de Serrano... (SALÚSTIO, p.198).

Filipa apresentava esse temor por não conhecer sua família de origem, foi abandonada pela mãe que sofreu uma amnésia após um acidente, acabava por ter como referência afetiva o padrasto Jerônimo. “Fipa” como ele a chama, permanece na aldeia em sua companhia escondida da família materna até completar sete anos.

A mãe é submetida a tratamento médico e sequer recorda que tivera uma filha e a avó, que a conduz à capital, não a reconhece como neta (por ser filha de mãe solteira e de pai pobre e negro falecido).

Filipa perpassa pela narrativa em busca das suas origens, da sua identidade, com o auxílio da psicanálise tenta lembrar, recuperar partes da sua infância. Está prestes a completar 33 anos e sente-se incompleta e infeliz por não conseguir saber quem é.

Para resolver essa questão, Filipa reúne toda a sua família no réveillon de 1995, quando sua mãe recupera a memória e lembra-se que teve uma filha. Esse reencontro com a sua família, sua mãe, num ano que se inicia, concede à protagonista a possibilidade de uma nova vivência. A recuperação da memória referente a suas origens, a sua infância, preenche uma lacuna na trajetória de vida da personagem.

A mãe de Filipa, Genoveva San Martin era fotógrafa até sofrer um acidente já grávida. Quando é encontrada por Jerônimo que sem saber o seu nome batiza-a de Fernanda (considerada louca estrangeira pelos serranenses).

Fernanda não tinha a noção de estar acordada ou a dormir, pois tanto fechava os olhos e desaparecia num sono confuso, como os abria para não reconhecer nada, boca aberta, numa interrogação, completamente alheia aos acontecimentos à sua volta. (SALÚSTIO, p. 71).

Outra personagem que possui um laço com a memória é a parteira, que possui a memória sobrenatural das parteiras. As sucessivas parteiras de Serrano eram mulheres escolhidas pelo destino, desempenhavam múltiplas funções, de grande importância para o bem físico e psicológico dos homens e das mulheres de Serrano. Eram elas as responsáveis pelo nascimento de todas as crianças do vale, pela iniciação sexual dos jovens, pela cura de qualquer doença.

Toda a gente sabia que as parteiras eram bruxas e, naquele momento, no meio do choro, olhando para os vômitos viu o seu destino e soube que as mulheres bruxas eram mais felizes do que as mulheres não bruxas de Serrano. Ou menos infelizes. Entrou na Casa da Luz, juntou o cabelo num carrapito e, ativa, começou a dar

ordens. Contava trinta e três anos [...] esqueceu o nome pelo qual era conhecida, perdeu a memória antiga e ficou sem idade.

A outra protagonista, a Louca, possui a memória de Serrano, por viver lá há duzentos anos, conhece toda a história de Serrano e dos aldeões.

Apesar da opinião dos serranese, a jovem louca era a única personagem que tinha o discernimento de explicar os fatos mais estranhos que aconteciam na aldeia, ela tinha o poder de prever o futuro, de saber todos os segredos e medos dos serranese. Só ela sabia interpretar os fenômenos que ocorriam na montanha e não mostrava ter medo da maldição que recaía sobre a aldeia e os seus habitantes.

Uma desconhecida que nunca tentou entrar na igreja, o que levava os fiéis mais atentos a definir-lhe possíveis laços com o demônio, continuava a argumentar, em palavras desarticuladas, que os pobres eram a porcaria que os ricos utilizavam para se tornarem mais ricos, para pecarem, para desobedecerem aos princípios de igualdade [...] Escarnecia e insultava igualmente os pobres por preferirem andar de mãos e corpos estendidos a negociar esmolas, a reinventar meios para ficarem independentes da hipócrita caridade dos outros. (SALÚSTIO, p. 39)

A escrita testemunhal de Carolina do seu dia a dia na favela do Canindé e as personagens que Dina nos apresenta pelo fio condutor da memória, refazem uma historicidade de um sujeito que possui uma identidade multifacetada. Como salienta Bhabha:

O afastamento das singularidades de “classe” ou “gênero” como categorias conceituais e organizacionais básicas resultou em uma consciência das posições do sujeito – de raça, gênero, geração, local institucional, localidade geopolítica, orientação sexual – que habitam qualquer pretensão à identidade no mundo moderno. O que teoricamente inovador e politicamente crucial é a necessidade de passar além das narrativas de subjetividades originárias e iniciais e de focalizar aqueles momentos ou processos que são produzidos na articulação de diferenças culturais. Esses “entre - lugares” fornecem terreno para a elaboração de estratégias de subjetivação – singular ou coletiva – que dão início a novos signos de identidade e postos inovadores de colaboração e contestação, no ato de definir a própria idéia de sociedade.

É na emergência dos interstícios – a sobreposição de domínios da diferença – que as experiências intersubjetivas e coletivas de *nação* [*nationness*], o interesse comunitário ou o valor cultural são negociados. De que modo se forma sujeitos nos “entre - lugares”, os excedentes da soma das “partes” da diferença (geralmente expressas como raça/classe/gênero, etc.)? (BHABHA, 1998, p.19-20).

Coadunando com Bhabha, de que modo se forma subjetividades nos entre - lugares a partir da memória?

Carolina, autora/personagem, promove, através da escrita de si que acaba por revelar a voz de outros, uma nova forma de existir, um deslocamento ao passado, quando possui intrinsecamente a memória ancestral dos seus antepassados, uma reelaboração do presente, porque faz análise do que acontece consigo mesma e ao seu redor e uma escritura do devir, já que a memória cultural atua “preservando a herança simbólica institucionalizada à qual os indivíduos recorrem para construir suas próprias identidades [...]” (ASMANN)

Filipa se desloca principalmente pela memória, ela recorda o passado, quando lembra a sua infância em Serrano com algumas lacunas nas lembranças e atualiza o presente reunindo a família e preenchendo os espaços em que as lembranças não eram nítidas reconstruindo assim a sua história, inaugurando uma nova vivência.

O mesmo acontece com a parteira que na sua iniciação recebe a memória de todas as parteiras e concebe uma nova trajetória de vida. Com Genoveva que ao receber sua memória de volta, lembra que teve uma filha, Filipa e recebe uma nova possibilidade de vivência. Também a Louca, que através da memória conhecia cada espaço de Serrano e cada vivente daquela aldeia e por essa característica, trazia à tona inúmeras verdades e segredos que alterava o pensamento e interferia na vida dos demais.

Tanto Carolina quanto Dina empreendem em suas narrativas personagens/sujeitos que se abrigam em suas memórias como estratégia para criação de novas subjetividades.

CONCLUSÃO

Quando se propõe um diálogo, esperam-se semelhanças, mas também contrastes que podem enriquecer ainda mais o estudo sobre os objetos dialógicos. Essa foi a minha expectativa ao debruçar-me sobre *Quarto de Despejo: Diário de uma favelada*, de Carolina Maria de Jesus e *A Louca de Serrano*, de Bernadina Salústio.

Apesar de ambas as autoras possuírem ancestralidade africana e suas escrituras demarcarem essa especificidade notadamente, há o que é próprio de cada cultura como a língua, o desenvolvimento sócio-econômico, hábitos e modos de se expressar.

E dentro desse contexto, tanto Brasil quanto Cabo Verde delinearão em sua trajetória literária, uma representação da mulher negra/mestiça como personagem, imersa em diversos estereótipos, colocando-a em condição de subalternidade, inferioridade e objeto, apto, pronto a ser manipulado. À personagem negra feminina foi destinado o papel de personagem secundária, sempre agenciada pelo olhar do outro, o branco, o homem.

Aliado a essa perspectiva estereotipada, impressa na personagem feminina negra/mestiça, ainda se constata a ausência de escritoras negras, negligenciadas, silenciadas e tendo suas obras obliteradas da tradição literária dos seus respectivos países.

O cânone literário brasileiro e cabo-verdiano não inseriu a escrita feminina negra/mestiça, como aporte no processo de construção e formação da sociedade e da nação brasileira e cabo-verdiana.

Isso constitui estranhamento na medida em que a Literatura exerceu papel importante no processo de construção da identidade nacional desses países, como elemento de cultura, resistência e também de distorções – no aspecto de privilegiar a exposição de um determinado grupo ou classe em detrimento de outro.

Segundo Leyla Perrone-Moisés, a palavra “cânone” vem do grego “kánon”, através do latim “canon”, e significava “regra” ou “vara de medir”, e foi utilizada primeiramente no âmbito religioso no que se referia ao padrão de conduta moralmente “correta” assumida pelos primeiros cristãos (PERRONE, 1998, p. 61). No século IV d.C., aparece um emprego diferente para o vocábulo, mais afim à aplicação posterior na literatura, a qual coloca a palavra “cânone” como um conjunto de textos percebidos como autênticos e inspirados por Deus, segundo o julgamento dos líderes religiosos. A partir da eleição desses textos, montou-

se a Bíblia nos moldes conhecidos até hoje, tendo como base o que se chamaria de cânone bíblico ou de textos canônicos. E ainda conforme (MOREIRA, 2011, p. 17):

Com base na essência de suas origens, a palavra “cânone” passou a significar o conjunto de elementos elitizados ou mesmo uma lista de merecedores de destaque e, conseqüentemente, apartados do “comum” por meio de qualidades que o conferissem distinção. Intrínseco na definição, percebe-se a legitimação de elementos canonizados mediante a exclusão de agentes considerados inferiores, rejeitados ou não aptos. Assim, o processo de definição e legitimação do cânone implica a existência de relações de poder, visto que quem faz as escolhas tem autoridade para isso e logicamente atende aos seus interesses ou aos do grupo que representa.

Apesar desse contexto de exclusão e silenciamento do cânone literário brasileiro e cabo-verdiano da escrita feminina, muitas vozes femininas e negras/mestiças ecoaram seus sons, suas falas, seus cantos, seus encantamentos, ao longo do processo de formação da identidade nacional dos seus países e suas tradições literárias.

Tanto Carolina quanto Dina são vozes que provocaram rupturas nos cânones de gênero, literário e étnico. Dina foi à primeira mulher a escrever uma narrativa longa, ou seja, um romance em Cabo Verde. Como salienta GOMES:

Com o romance *A Louca de Serrano*, o primeiro de autoria feminina em Cabo Verde, a ficcionista conquista a promoção de importantes rupturas na atual ficção isleña, marcando assim de forma assaz singular, a literatura cabo-verdiana contemporânea. (GOMES, 2000, p. 113)

E Carolina publica seu diário em um período em que os escritos femininos eram muito restritos. Como salienta Salgueiro:

[...] Carolina, catadora de papel usado, parecia desafiar naquele momento, no mero gesto de escrever um livro – e ainda mais de sucesso – todas as normas vigentes instituídas pelos aparelhos de controle cultural. E abria caminho para tantos escritos femininos negros.

Carolina desafia o cânone literário quando escreve uma linguagem fraturada com infrações da gramática, da ortografia e da sintaxe, subvertendo o código dominante. E Dina subverte o cânone literário quando elabora personagens femininas protagonistas, sujeitos da sua própria história. Uma negra e outra mestiça, ambas inaugurando uma era de escritos femininos negros/mestiços brasileiros e cabo-verdianos.

A tessitura Caroliniana e Salustiana produzem textos que engendram modificações na realidade histórico-social e política brasileira e cabo-verdiana.

Nas sociedades patriarcais destes países, ao longo da sua História, a escrita de autoria feminina, assim como a participação da mulher na esfera pública, foi restrita ao papel de ser coadjuvante da sua própria história.

A escrita advinda destas autoras rasurou a História, apresentando personagens femininas que extrapolaram o espaço privado, sendo protagonistas da suas próprias histórias. Essa escrita também valorizou o cotidiano das mulheres e a partir dessa perspectiva concedeu importância aos fazeres comuns que constituem parte da construção do seu dia a dia e que também constroem uma nação.

Quarto de Despejo: Diário de uma favelada e *A Louca de Serrano* são narrativas, conforme REIS e LOPES (1994) em que a personagem é o eixo em torno do qual gira a ação e em função do qual se organiza a economia do relato. Carolina, Filipa e a Louca são personagens que através da memória constroem o fio condutor das narrativas.

A personagem Carolina é a forma de sobreviver da autora Carolina, escrever para ela, era resistir.

“Fico pensando o que será *Quarto de Despejo*? Umás coisas que eu escrevia há tanto tempo para desafogar as misérias que me enlaçavam igual ao cipó quando enlaça as árvores, unindo todas”. (JESUS, 1997, p. 171).

O registro das memórias do seu cotidiano tornou-se uma forma de organizar o caos ao seu redor, os encontros e desencontros e também os sentimentos. Narrar-se era definir-se, ainda que suas memórias fossem entremeadas com outras vozes, era de si que escrevia. Dos encontros e desencontros com os outros moradores, da sua perspectiva dos acontecimentos.

A personagem psicanalisada Filipa, duplo da Louca, prestes a completar 33 anos entra em crise por não se sentir uma mulher plena, feliz. A infelicidade se devia ao fato de suas memórias serem entrecortadas, possuía lacunas sobre a sua trajetória de vida, não conseguia se lembrar da sua infância. Sente-se plena e livre, quando consegue reunir toda a sua família num réveillon de 1994 e lembrar-se de toda a sua história.

“Serrano chegava ate à sala, trazida pelas pessoas, suas lembranças e seus gestos.” (SALUSTIO, 2001, p. 210).

A Louca, como as mulheres cabo-verdianas é detentora da memória de toda a aldeia e de todos que a habitam. E, quando completa trinta e três anos, morre e renasce no mesmo corpo e assim ciclicamente. “Por breves instantes lembrou-se da Louca de Serrano que morria aos trinta e três anos para voltar a nascer, em sítio e data incertos [...]”

Quarto de Despejo e A Louca de Serrano se desdobram em dois espaços físicos:

Favela/cidade e Aldeia/cidade. Um espaço se contrapondo ao outro e nestes espaços se desenrolam os dramas das personagens pelo viés memorialístico, promovem também, o insulamento das personagens, Carolina na favela, a Louca na aldeia e Filipa na cidade.

A favela do Canindé, uma ilha para Carolina, a deixava isolada da cidade e cercada por um ambiente inóspito e desconfortável. Não era possível uma fácil comunicação com os habitantes da favela, porque Carolina era “diferente” para eles, parte do cotidiano dela era escrever e ameaçá-los de virarem personagens no diário que um dia se tornaria livro. E os habitantes da cidade a tratavam com desprezo por ser moradora de favela e catadora de lixo.

A Louca, que não possuía patologia de loucura, assim denominada por ser “diferente”, possuir estranhos poderes e saberes misteriosos sobre tudo o que se passava em Serrano e com os seus habitantes, vivia insulada na aldeia. Tanto os serranenses quanto os moradores da cidade tinham por ela medo, repúdio e certo respeito.

Filipa, insulada na cidade, mesmo rodeada de pessoas sentia-se só. Os sete primeiros anos de sua vida foram na aldeia de Serrano, marcados pela doença, pela mudez e pelo repúdio dos aldeões. Mais tarde quando foi viver na cidade, foi rejeitada pela família – que não a aceitava por ser filha de negro e pobre, viveu com diferentes famílias adotivas, já que sua mãe perdera a memória e não se lembrava de ter tido uma filha.

Tanto Carolina, quanto Filipa e a Louca transitam por estes espaços como estrangeiras, Carolina sozinha com os filhos, vinda de Sacramento, interior de Minas Gerais, Filipa não pertencia nem à cidade e nem à aldeia e a Louca vinda de não se sabia onde, filha ninguém sabia de quem.

Muito há ainda, que se pesquisar, analisar e aprofundar nas respectivas obras, *Quarto de Despejo: Diário de uma favelada* e *A Louca de Serrano*, estudá-las é rever a identidade do

povo brasileiro e cabo-verdiano. A identidade nacional de um povo constrói-se com homens e mulheres e sendo países antigas colônias, com brancos, negros e mestiços escrevendo sua nação.

Procurou-se nesse trabalho que agora se encerra, mas que na verdade é ainda um começo, compreender como em Carolina Maria de Jesus e Bernardina Salústio em sua tessitura e através das personagens, a memória é utilizada como estratégia para criação de novas subjetividades.

Compreendeu-se então, que as personagens são sujeitos em trânsito, em deslocamento externo, espacial e interno afetivo, em autoconstrução numa trajetória entremeada de encontros e desencontros. E nesses embates, esses sujeitos elaboraram novas possibilidades de vivências e a memória serviu para ancorar novas perspectivas de inventar e experimentar a percepção do mundo e como agir nele.

Carolina e Dina promovem o que segundo Brito (1996, p. 132):

“[...] a desmistificação de uma história que aos poucos vai cedendo lugar a outra e a desconstrução de uma memória que foi forjada programada e continua veiculada pela voz da História oficial”.

REFERÊNCIAS

ALVES, Miriam. Cadernos negros (número 1): estado de alerta no fogo cruzado. In: FONSECA, Maria Nazareth Soares; FIGUEREDO, Maria do Carmo (Org.). *Poéticas afro-brasileiras*. Belo Horizonte: Mazza; PUC Minas, 2002.

ALMADA, José Luís Hopffer. A Louca de Serrano, de Dina Salústio. *Jornal A Semana*. Praia, 30 de dezembro de 2007.

ASSMANN, Aleida. *Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural*. Campinas: Unicamp, 2011.

ASSMANN, Jan. *Religión y memoria cultural*. Buenos Aires: Lilmod, 2008.

BHABHA, Homi. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

BARCELLOS, Sergio. Vida por escrito – Portal biobibliográfico de Carolina Maria de Jesus. Disponível em: <www.vidaporescrito.com>. Acesso em: 14 fev. 2016.

BAMPI, Lisete. Governo, subjetivação e resistência em Foucault. . Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs>> Acesso em: 23 de março de 2016.

BASTOS, Ana Paula; MERISSI, Lais. *As políticas de ação afirmativa e a tentativa de desconstrução da discriminação racial: a lei 10639/03*, 2010.

BERND, Zilé. Identidades e nomadismo. In: JOBIM, José Luís. (Org). *Literatura e identidades*. Rio de Janeiro: J. L. J. S. Fonseca, 1999. p. 95–111.

BESSE, K. Susan. *Modernizando a desigualdade*. São Paulo: Edusp, 1996.

BILAC, Olavo. Prefácio da 1ª Edição. In: SOUZA, Auta. *Horto, outros poemas e ressonâncias: obras reunidas*. Natal: EDUFRN. 2009.

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

BRITO, M. C. E. *Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade*. 1996. Dissertação (Mestrado) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1996.

CARRIJO, Fabiana Rodrigues; SANTOS, João Bôsko Cabral dos. *Nas fissuras dos cadernos encardidos: o bordado testemunhal de Carolina Maria de Jesus*. Uberlândia: Scielo, 2012.

CARREIRA, António. *Cabo Verde: aspectos sociais. Secas e fomes do século XX*, Lisboa: Ulmeiro, 1984.

CASTRILLON, Susanne. *Tramas e redes, fios que tecem a escravidão e a raça no romance O escravo*, de Jose Evaristo de Almeida. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

CAMPOS, Maria Consuelo Cunha. *Representação da mulher negra na literatura brasileira*. Rio de Janeiro: UERJ/Pen Clube do Brasil, 2006.

DIAS, Maria Odila Silva. *Hermenêutica do cotidiano na historiografia contemporânea. Projeto História: trabalhos da memória*. São Paulo, n. 17, nov.98. p. 223-232.

D'ALMEIDA, José Evaristo: *O escravo*. Lisboa: ALAC, 1989. Prefácio de Manuel Veiga.

FARIAS, Genilson de Azevedo. *Auta de Souza: superando barreiras de gênero e raça no espaço da literatura feminina dos oitocentos*. XXVII Simpósio Nacional de História. Natal, 2013.

FOUCAULT, Michel. *História da loucura: na idade clássica*. São Paulo: Perspectiva, 2008.

_____. *Vigiar e punir*. Petrópolis: Vozes, 2004.

_____. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Tradução de Maria Thereza da Costa Guilhon Albuquerque. Revisão técnica de José Augusto Guilhon Albuquerque. São Paulo: Graal, 2005b.

FERREIRA, Manuel. *Literaturas africanas de expressão portuguesa*. São Paulo: Ática, 1987.

GUATTARI, F.; ROLNIK, S. *Micropolítica: cartografias do desejo*. Petrópolis: Vozes, 1996.

GOMES, Simone Caputo. *Cabo Verde: literatura em chão de cultura*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2008.

GOMES, Simone Caputo. *Olhares transversais da escrita literária sobre a cultura identitária do arquipélago: do dilema do “primeiro” romance cabo-verdiano à produção contemporânea*. XI Congresso Internacional da ABRALIC, USP, 2008.

_____. *O arquipélago “literopintado”*: escritura literária de autoria feminina em Cabo Verde. São Paulo: USP, 2010.

_____. *Literatura e trajetória social das mulheres em Cabo Verde: a escritura de autoria feminina ou outro olhar sobre o arquipélago*. Lisboa: Atas do colóquio internacional Cabo Verde e Guiné-Bissau: percursos do saber e da ciência, 2012.

_____. *Entrevista concedida ao jornal Portal Galego da Língua*, em dezembro de 2009.

_____. Rostos, gestos, falas, olhares de mulher: o texto literário de autoria feminina em Cabo verde. In: CHAVES, Rita; MACEDO, Tania. (Org.) *Marcas da diferença: as literaturas africanas de língua portuguesa*. São Paulo: Alameda, 2006.

GONÇALVES, Maiara Juliana. *Literatura e Província: o universo literário da cidade de Natal*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2014.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

HAMILTON, Russell G. Apresentação. In: SEPÚLVEDA, Maria do Carmo; SALGADO, Teresa (Org.). *África & Brasil: letras em laços*. Rio de Janeiro: Atlântica, 2000.

JESUS, C. M. de. *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. São Paulo: Ática, 1997.

_____. *Diário de Bitita*. São Paulo: SESI Editora, 2014.

JOBIM, José Luís. Narrativa e História. In: _____. *Formas da teoria*. Rio de Janeiro: Caetés, 2002, p. 149-161.

LEJEUNE, Philippe. *El pacto autobiográfico y otros estudios: el mundo iluminado*. Ciudad del México: Lúmen, 1998.

LISPECTOR, Clarice. *Água viva*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999, p. 12.

LOBO, Luiza. *A Literatura de autoria feminina na América Latina*. Disponível em: <<http://members.tripod.com/~lfilipe/LLobo.html>>. Acesso em: 21 mar. 2016.

MADEIRA, João Paulo. O processo de construção da identidade e do estado-nação em Cabo Verde. *Revista científica Vozes dos Vales*, Minas Gerais, 2014.

MAGNABOSCO, Madalena. Reconstruindo imaginários femininos através dos testemunhos de Carolina Maria de Jesus. Tese (Doutorado) - FALE, Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários, UFMG - Belo Horizonte, 2002.

MARTIN, Charles. Introdução: uma rara visão de liberdade. In: *Úrsula*. 3. ed. Atualização, organização e notas Luiza Lobo. Rio de Janeiro: Presença Edições; Brasília: INL, 1988.

MASSAUD, Moisés. *A literatura como denúncia*. São Paulo: Íbis, 2002.

MARIANO, Gabriel. *Cultura Caboverdeana*. Belo Horizonte: Editora Vega, 1991.

MARGARIDO, Alfredo. Estudos sobre literaturas das nações africanas de língua portuguesa. Lisboa: A Regra do Jogo, 1980.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; LEVINE, Robert M. *Cinderela negra: a saga de Carolina Maria de Jesus*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1994.

_____. *Carolina Maria de Jesus: meu estranho diário*. São Paulo: Xamã, 1996.

MOTT, Maria Lúcia de Barros. *Escritora negras: resgatando a nossa história*. Rio de Janeiro: CIEC/UFRJ, 1989. (Coleção Papéis Avulsos).

MONTEIRO, Maria Ivone Tavares. *Família e gênero na perspectiva das mulheres kumbóssas: um estudo etnográfico no conselho de Santa Catarina, Ilha de Santiago, Cabo Verde*. 2013. Dissertação (Mestrado) - UNI-CV, Praia, 2013.

MOREIRA, Fábio Martins. *O cânone literário brasileiro: preconceito e eugenia em o presidente negro, de Monteiro Lobato*. 2011. Dissertação (Mestrado) - URI, Rio Grande Sul, 2011.

MUNANGA, Kabengele. *Rediscutindo a mestiçagem no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1999.

PERRONE, Leyla Moisés. *Altas literaturas: escolha e valor na obra crítica de escritores modernos*. São Paulo, 1998.

PROENÇA FILHO, Domício. A trajetória do negro na literatura brasileira. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ea/v18n50/a17v1850.pdf>>. Acesso em: dez. 2013.

QUEIROZ, Sônia Maria Alves de. *Literatura a representação social das mulheres em Cabo verde: vencendo barreiras*. 2010. Dissertação (Mestrado) - São Paulo: USP, 2010.

REIS, Carlos; LOPES, Ana Cristina. *Dicionário de Narratologia*. 5. ed. Coimbra. Livraria Almedina. 1994.

SALGUEIRO, Maria aparecida Andrade. *Escritoras negras contemporâneas: estudo de narrativas – Estados Unidos e Brasil*. Rio de Janeiro: Caetés, 2004.

SANTOS, Sonia. A mulher cabo-verdiana e “a oportunidade do grito”. In: RAMALHO, Christina (Org.). *Literatura e feminismo: propostas teóricas e reflexões críticas*. Rio de Janeiro: Elo, 1999.

SANTOS, Alessandra Rufino. *A importância da literatura como fonte de pesquisa na construção do pensamento social brasileiro*. 2013. Dissertação (Mestrado) - Roraima: UERR, 2013.

SANTIAGO, Silviano. *Uma literatura nos trópicos*. 2. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

SEIXAS, Rogério Luis da Rocha. A condição estratégica do exercício do poder em Michel Foucault. Rio de Janeiro: UFRJ, *Revista de Filosofia – Argumentos*, 2011.

SILVA, Márcio Seligmann. *História, memória, literatura: o testemunho na era das catástrofes*. Campinas: Ed. Unicamp, 2003.

_____. *O esplendor das coisas: o diário como memória do presente na Moscou de Walter Benjamin*. São Paulo: Iluminuras: Fapesp, 2009, p. 162.

SILVA, Amanda. *A Representação do “Insólito contemporâneo” nos romances Balada da infância perdida e Pelo fundo da agulha do escritor Antônio Torres*. XI CONLAB (Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais), Bahia, 2011.

SPÍNOLA, Daniel. Sementeira, chuva e seca. In: VEIGA, Manuel. *Cabo Verde: insularidade e literatura*. Paris: Karthala, 1998.

SALÚSTIO, Dina. *A Louca de serrano*. Cabo Verde: São Vicente: Spleen, 2001.

SECCO, Carmen Lucia Tindó. Algumas tendências da poesia cabo-verdiana hoje. *Revista Confraria*. Disponível em:
<<http://www.confrariadovento.com/revista/numero18/ensaio04.htm>> Acesso em: 2 ago. 2010.
Acesso em: 2 nov. 2015.

TELLES, Norma. Escritoras, escritas e escrituras. In: PRIORE, Mary Del (Org.). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2004. p. 401-442.

TOLEDO, Christiane Vieira Soares. *O estudo da escrita de si nos diários de Carolina Maria de Jesus: a célebre desconhecida da literatura brasileira*. Dissertação de mestrado. Rio Grande do Sul: PUCRS, 2011.